

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores — Primeiros Tenentes : BERTHOLDO KLINGER, ESTEVÃO LEITÃO DE CARVALHO e J. DE SOUZA REIS

N.º 4

Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1914

Anno I

SUMMARIO

Editorial. — PARTE JOURNALISTICA: Actualidade militar. — Baterias de Costa. — Exercitos estadaos. — Patrulhas de artilharia — O commandante do grupo na guerra. — Praxes a eliminar. — Material de artilharia francez e allemão. — Construcção das trincheiras-abrigo — NOTICIARIO: — O regulamento de exercícios de 17 de Janeiro de 1912 (continuação) — O concurso de tiro collectivo na IX Região. — Ainda o fuzil Mauser m. 1908. — O regulamento de gymnastica. — Verba mal empregada. — Os inferiores. — Livros novos.

EDITORIAL

Barão Von der Goltz estudando, no seu livro monumental — *A nação armada* — o problema da concentração dos exercitos, operação que se executa quando a politica resolve recorrer ás armas, estabelece o principio: « importa cobrir no proprio território, mas distribuindo as tropas de modo que todas as forças estejam disponíveis e reunidas quando se tratar de ferir os grandes golpes.

Mais do que outro qualquer paiz, tendo em vista a vastidão do nosso território, devemos collocar as unidades do nosso pequeno Exercito de modo a facilitar a concentração em pontos de onde seja facil acudir ás tentativas do inimigo com elementos suficientes para uma offensiva energica; não podemos esperdiçar forças que nos sobram.

O Estado de Matto-Grosso, por seu afastamento dos theatros provaveis de operações, está arriscado á ameaça de forças pouco consideraveis; nestas condições si elle fosse saramente povoado poder-se-hia confiar sua guarda a tropas de reserva da propria região;

elle porém dispõe de uma população muito pequena e muito pouco densa, o que constitue uma séria dificuldade, mesmo para mobilização da 1.^a linha.

Por occasião dessa mobilização, os efectivos de paz elevam-se ao pé de guerra pela incorporação dos reservistas que, segundo a nossa lei, pertencem a duas categorias: a primeira é constituída pelos homens que, tendo concluido seu tempo de serviço, continuam a pertencer, como reservistas, ás unidades em que serviram; a segunda pelos alistados anualmente e não sorteados, pelos sorteados que por qualquer motivo não se incorporaram e pelos excedentes da 1.^a categoria. A ex-praça porém que se retirar para outro Estado passa a pertencer á reserva de uma unidade nesse Estado.

Em Matto-Grosso o pessoal dos Corpos do Exercito é constituído de contingentes mandados dos Estados do Norte; acontece pois que esses homens, terminando o tempo de serviço, voltam a seus lares, salvo raras exceções, e portanto, num caso de mobilização, os corpos d'aquella região não podem contar com os reservistas de 1.^a categoria; os de 2.^a, em numero muito pequeno e sem instrução alguma, não prehencheriam os claros das unidades, e sua reunião seria muito

morosa e difficultima pela escassez de vias de communicação.

Conclue-se que as unidades localisadas em Matto-Grosso não pôdem passar ao pé de guerra ao menos com a presteza exigida para essa operação; devem pois ser reduzidas ao que a região comporta; — no numero actual são inuteis.

Além de sua inutilidade, elles acarretam um perigo do qual já tivemos a experiença por occasião da guerra com o Paraguay; a existencia de muitos corpos e estabelecimentos militares faz accumular recursos bellicos em quantidade avultada, e se os effectivos da tropa não estão em proporção de utilisal-os e defendel-os, elles irão servir ao inimigo, como já nos aconteceu, a acreditar no que diz Jorge Tompson em seu livro — a guerra do Paraguay; ahí se lê no capitulo sobre a expedição a Matto-Grosso que — muitos carregamentos de polvora e alguns de munição foram enviados para o Paraguay que, pôde-se dizer, forneceu-se naquelles depósitos brasileiros de quasi tudo quanto consumio naquella guerra. —

O illustre General acima citado, Von der Goltz, cuja autoridade não pôde ser contestada, indica a solução a tomar-se, quando diz que, para cobrir-se uma região ameaçada, não é preciso ocupar directamente a fronteira; muito frequentemente a protecção é feita indirectamente, pela vizinhança de tropas que tornam a invasão do territorio desguarnecido de tal modo perigosa para o inimigo, que elle não a tentará.

E quem avisinha as tropas é a estrada de ferro, cuja velocidade encura as distancias, pois estas só valem para operações pelo tempo empregado em transpol-as.

A defeza pois do Estado de Matto Grosso deve ser feita indirectamente por meio da Estrada de Ferro Noroeste do Brazil; naquelle Estado bastará manter-se uma Brigada mixta com a seguinte organisação: 3 batalhões de caçadores com suas secções de metralhadoras, um regimento de cavallaria com 4 esquadões e um grupo de 3 baterias de artilharia de campanha. Além dessa tropa um batalhão

de artilharia de posição guarnecerá os fortificando a estes, de combinação com uma fortinha, o encargo da defeza fluvial; essa tropa deverá ser mantida em tempo de paz com efectivos normaes estabelecidos nos quadrados do Grande Estado-Maior.

Ella teria assim valor real desde o tempo de paz e a elevação de seu efectivo para guerra poderia ser feita com os recursos da região; as outras unidades actualmente existentes em Matto-Grosso, deslocadas para outros pontos mais convenientes, encontraria ahí os meio necessarios á sua organisação instrucção, e, em logar de ficarem adstrictas à defeza de uma fronteira longinqua de uma importância duvidosa em uma guerra futura, elles poderiam ser dirigidas facilmente para qualquer ponto do territorio ameaçado.

E, como homenagem á actual preocupação financeira, deve-se dizer que a tropa existente em Matto-Grosso é a mais cara do Exercito; cada soldado custa, em geral, duas passagens, desde um Estado do Norte ao Matto-Grosso, e vice-versa; a etapa e a formação são sempre muito elevadas, e o material chega por via marítima e fluvial com enorme despesa e demora; até hoje o 5.º Regimento de artilharia ainda não recebeu todos os seus canhões.

A unidade mais cara de todo o nosso Exercito é, sem duvida, o 5.º Batalhão de engenharia que entretanto está á disposição do Ministerio da Viação para a construção de linhas telegraphicais entre Matto-Grosso e Amazonas; esse batalhão é completamente inutil ao Exercito, que não aproveitará nem a prática que elle adquiriu no serviço em que o ocupa, pois elle não está fazendo telegraphia de campanha; accresce ainda que só uma das suas companhias deve ser de telegraphistas e para estes a aprendizagem util seria a radiotelegraphia, pois actualmente os exercitos, o nosso inclusive, adquirem de preferência material de telegraphia sem fio. O pessoal desse batalhão é formado de homens que se alisaram voluntariamente no Norte para o serviço do Exercito, e foram depois transferidos pa-

elle corpo, onde não podem evidentemente receber instrucção militar com regularidade, mas onde entretanto pagam uma forte tribuição pessoal aos rigores de um clima seco, desbravando regiões absolutamente desérticas.

General Faria

Actualidade Militar

Das discussões travadas nas duas caudas Congresso Nacional e na imprensa se sabe que há uma forte corrente de opinião convencida de que a nação gasta demasiadamente com suas forças armadas, principalmente com o Exército; e no ardor das discussões surgiu mesmo a revelação de que se procurava fazer economias no orçamento da guerra para atender a despesas de outros departamentos da administração do país.

Entretanto é evidente que uma nação gastará demasiadamente com seu exercito quando este pelo seu efectivo e meios de defesa exceder às necessidades da defesa, enquanto essa hipótese não se verifica pode-se dizer que se gasta mal, não que se gasta demais.

No parlamento alemão, o Ministro da Guerra, defendendo em 1911 o seu projeto para o quinquenio actual, disse, com razão e geraes aplausos, que é preciso considerar as despesas feitas com a defesa nacional como *uma prestação de serviço*; ele avaliou a fortuna alemã e concretamente assim a taxa a que correspondem as despesas militares. Se aplicarmos essa taxa ao nosso país bastará atender ao valor do nosso território para concluir que as despesas que fazemos com a defesa, não seriam demasiadas, se assegurassem o fim colocado.

É preciso ainda não esquecer que os nossos exercitos são relativamente mais pequenos que os grandes. Vinte ou vinte cinco mil homens em um exercito de cem ou centos mil custam muito menos do que todos eles constituem a totalidade do exercito de uma nação; as despesas com serviços geraes como o Ministério, Esquadra, maior, departamentos de administração de justiça, escolas, fabricas ou artes não são proporcionaes aos efectivos do exercito do tempo de paz supporta-

em seu orçamento as despesas do preparo constante para a mobilização do efectivo de guerra, tais como, as reservas de armamento, fardamento, equipamento, munição, viaturas, etc.; resulta disso que nos países em que o efectivo de paz é muito fraco em relação ao de guerra, parece que as despesas são excessivas; e do esquecimento dessa observação resulta que muitas pessoas, estudando as despesas militares, tem dividido o total do orçamento de paz pelo numero de homens julgando que o quociente representa o custo de cada homem.

Tomemos ainda um exemplo na tropa: uma companhia de infantaria precisa ter 4 oficiais, qualquer que seja o seu efectivo de praças; ora se essa companhia tiver 50 praças, a despesa feita com esses 54 homens é relativamente maior do que se ella tiver 100 praças; entretanto não podemos diminuir o numero de oficiais porque é indispensável manter a estrutura da companhia.

Nossa preocupação pois não deve ser diminuir o total das despesas militares, e sim applicá-las de modo a obter os melhores resultados para o fim a que elles são destinadas — a defesa nacional.

Para isso é preciso remodelar as nossas instituições militares; e a base dessa remodelação é a execução do serviço obrigatório.

Só elle pôde nos fornecer as reservas necessarias com instrucção suficiente. Nenhuma nação pôde manter nas fileiras um efectivo bastante para a guerra; a vitória pois dependerá fortemente do valor das reservas.

Já temos perdido muito tempo e urge enfrentar o problema com intenção firme de resolvê-lo; faça-se mesmo concessões, diminuindo o tempo de serviço nas armas em que isso é possível, e facilitando a antecipação da baixa aos contingentes que se mostrarem instruidos; ensaie-se o serviço de um anno para os conscriptos na infantaria, e de dezoito meses na cavalaria para os que, ao verificar praça, já souberem montar bem.

Trate-se ao mesmo tempo da instrucção da reserva de recrutamento como determina o Cap. 3º da lei 1860, e isso seria possível nas sociedades de tiro que readquiririam o brilho antigo, mas que

deveriam ficar sujeitas a uma fiscalização severa.

Posta em execução a lei, teriam os cidadãos que completassem o tempo de serviço as garantias que lhes dá o art. 93, isto é, a preferencia nas obras e officinas publicas, estradas de ferro e quaesquer repartições federaes; poderiam obter lotes nas colonias militares, o dominio util de terrenos de marinha, e ainda exercer, livres de qualquer onus ou taxa a navegação, industria da pesca e a venda do producto desta.

A execução da lei tornaria obrigatoria, como preceitúa o art. 98, a instrucção do tiro de guerra e evoluções militares até a escola de companhia aos alumnos maiores de 16 annos que cursarem as escolas superiores e estabelecimentos de instrucção secundaria mantidos pela União, pelos Estados e pelos municipios, inclusive o Districto Federal; e como o novo Código de ensino acabou a equiparação de estabelecimentos particulares aos do Governo, é insdispensavel uma lei que estenda a todos os estabelecimentos de instrucção, onde haja moços da idade acima citada a obrigação da instrucção militar marcada no referido artigo 98.

Convém observar que, apesar de não ter sido feito até hoje sorteio para preenchimento dos claros do Exercito, a instrucção da reserva de recrutamento devia ter começado desde que se fez o primeiro alistamento; é o que determina o capítulo 3º da lei, cujo artigo 15 diz: «Os alistados annualmente e não sorteados que por qualquer motivo não fôrem encorporados ao exercito activo, servirão na reserva de recrutamento para o mesmo exercito até a idade de 30 annos completos». Se pois não se sorteou ninguem, todos os alistados pertencem á reserva de recrutamento e estão sujeitos ás determinações do art. 17, isto é, «comparecimento nos pontos que lhes forem designados para receber a necessaria instrucção militar» e «presença, uma vez por mez, na linha de tiro da localidade onde residirem».

A prestação do serviço militar deve ser feita, segundo a lei, do modo seguinte:

no exercito activo e suas reservas (1ª linha), dos 21 aos 30 annos.

no exercito da 2ª linha e sua reserva, dos 30 aos 37 annos.

na Guarda Nacional a sua reserva (3ª linha), dos 37 aos 44 annos.

Segundo a mesma lei, os Corpos estaduaes, organisados militarmente, auxiliarão as forças da 3ª linha, quando postos á disposição do Governo Federal.

Não parece necessaria, nem conveniente, tal distribuição; ella não está mesmo de accordo com as lições de nossa historia. A Guarda Nacional, hoje completamente desorganisada, esteve sempre ao lado do exercito de primeira linha na nossa ultima guerra externa, para a qual forneceu a maior parte da nossa cavalaria; e os Corpos estaduaes e de polícia tem sido mobilizados conjunctamente com os do Exercito nas perturbações de ordem publica que temos tido; elles estiveram em Canudos e na revolta de 93; pôde-se mesmo asseverar que hoje os Corpos estaduaes e de polícia constituem a unica reserva organisada de que se poderia lançar mão.

Os nossos effectivos de mobilisação, incluindo as reservas, permitem resumir aquellas tres linhas do serviço militar em duas; a 2ª seria constituida pela Guarda Nacional e sua reserva, devidamente reorganizada e instruída, só se admittindo no seu Corpo de Officiaes individuos habilitados a ser officiaes da reserva do Exercito. A consequencia natural seria a passagem dessa Guarda para a jurisdicção do Ministerio da Guerra.

Os Corpos estaduaes e de polícia devem passar para a reserva da 1ª linha, e portanto ser mobilisaveis com ella; a União entraria facilmente em accordo com os Estados para aquelle fim, isentando do serviço em tempo de paz o pessoal d'aquelles Corpos, tomando os Presidentes o compromisso de fazel-os instruir convenientemente, para o que o Exercito forneceria os instructores que lhe fossem pedidos.

E' sabido que os grandes Estados da União e o Districto Federal pôdem fornecer até Batalhões de Infantaria e Regimentos de Cavallaria com os effectivos de mobilisação; serão tropas de reserva de valor muito apreciavel pela instrucção, habitos de disciplina e conhecimento do serviço militar.

Nós chegámos á hypothese prevista pela Constituição da Republica: o voluntariado é insufficiente para preencher os claros do Exercito; e entretanto para ter uma idéa da benevolencia que tem havido na aceitação desses voluntarios, basta ler o excellente artigo publicado no

n.º 2 desta Revista pelo dedicado e inteligente Tenente Estevão Leitão.

Devemos pois recorrer ao sorteio.

E já que a preocupação do momento é a economia exigida pelas circunstâncias financeiras, convém lembrar que o exercito obtido pela conscrição é mais barato que o profissional. É lógico que, quando um individuo faz do serviço das armas sua profissão, elle procura obter della o maior proveito; mas quando elle vem ao quartel apenas para cumprir um dever cívico, quando elle considera o serviço militar como uma aprendizagem necessária para defender sua pátria e o lar de sua família, elle vem convencido de que a Nação só tem o dever de lhe fornecer esse ensino e essa educação, sem recompensas pecuniárias, e que os vencimentos que receberá serão os estritamente necessários para attender ás suas necessidades inadiáveis e pessoaes.

Prende-se naturalmente a essa questão de sorteio a distribuição dos Corpos de tropa pelo território, que deverá atender á população dos diversos Estados, afim de que os sorteados encontrem facilidade na incorporação, conforme já tivemos occasião de dizer em artigo, precedente a este.

Obtido assim o pessoal, e incorporado em época certa dever-se-á organizar logo a nossa 1ª Divisão de Exercito, a qual servirá de modelo ás outras.

Localizada aqui na Capital, com efectivos normaes, sem excesso de formações, com todo o seu material de mobilização, seus stocks para os efectivos de guerra e todos os seus serviços auxiliares, segundo os planos do Estado-Maior, ella será o modelo pelo qual se organizarão as outras á proporção que os recursos permittam e que as questões de detalhe estejam resolvidas pela prática; ella servirá ao mesmo tempo de escola onde venham praticar officiaes das outras unidades, firmando-se assim a unidade de doutrina, indispensável aos exercitos.

A 2ª Divisão será organizada no Rio Grande do Sul, e desse modo iremos marchando a passo certo para o ideal — tornar o Exercito capaz de garantir a defesa nacional.

General Faria.

Baterias de Costa

O rapido desenvolvimento realizado nos ultimos tempos pelos aeroplanos e dirigíveis, deve desde já preocupar o espirito dos artilheiros de costa, sobre o pé de inferioridade em que ficarão em breve as suas baterias, principalmente as denominadas «a barbeta», incluindo-se nesse numero as de plataformas descobertas, aos ataques do ar.

E' bem verdade que nas modernas construções já os paioes são subterraneos e com a protecção de uma espessa massa cobridora, ficando somente desabrigados os canhões, aliás protegidos por escudos contra os tiros de frente; os tiros do ar, porém, sendo de effeitos quasi analogos aos dos obuzeiros, virão incidir nas plataformas destruindo as guarnições e desmontando os canhões.

Dirá alguém — «nenhuma nação, tendo exercito em condição de lutar e baterias de costa garnecidas convenientemente, deixará de ter uma bem organisada frota aerea, encarregada da destruição da sua homónima, inimiga».

Sim, responderemos; mas o combate, então, terá lugar no espaço e sahirá vencedor aquelle que tiver maior... chance.

As coisas da guerra, para nós especialmente, devem ser encaradas por um prisma pessimista, e, mesmo dispondo de balões e aeroplanos, devemos considerar o caso do inimigo tornar-se senhor do ar.

Se o ataque for simultaneo, isto é, por mar e pelo ar, as nossas baterias costeiras, todas á barbeta, á excepção de tres couraçadas, terão ou de evitar o exterminio de suas guarnições, abrigando-as, ou sacrificá-las, aceitando o combate com a esquadra inimiga, auxiliando a nossa armada a repellir-a, como é de seu dever.

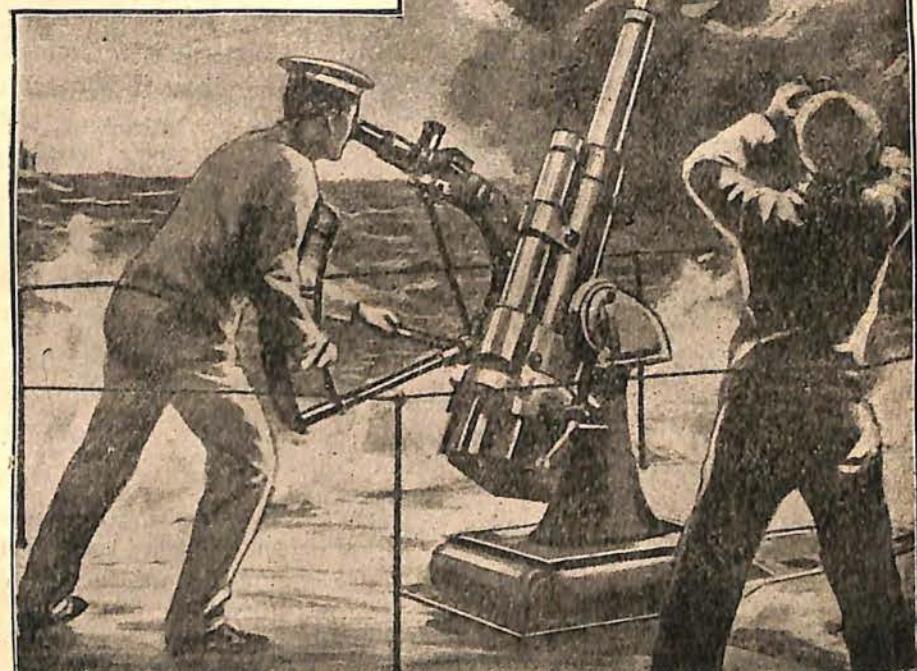
As do tipo «eclipse» parecem destinadas a substituir por completo as suas

irmãs, mas, como as nossas, mesmo aquelas que estão sendo construidas, pertencem ao tipo «barbeta», seria de bom aviso dotá-las com os canhões para tal fim usados na marinha allemã.

Este canhão tem movimento esferico, e o atirador, por meio de uma luneta de prisma, telemetrica, acompanha o balão ou aeroplano; imprime movimento ao systema, tendo o hombro fortemente encostado em uma peça de madeira presa a uma alavanca ligada ao systema, executando o disparo com a mão esquerda.

A gravura junto, muito expressiva, dá pleno conhecimento da arma e seus effei-
tos

Capitão Paes de Andrade



EXERCITOS ESTADOAES

A lei 1860, de 4—1—1908, não passou entre nós de uma experientia mal sucedida: antes de um lustro de existencia burocratica já está por terra, pondo em chéque a nossa capacidade administrativa.

Tudo isso nos leva a crêr que começamos por onde devíamos acabar, isto é, pela creaçao de novos serviços, pelo aug-

mento do numero de corpos e nova ordem de batalha. Mas, agora que tudo está feito, não podemos começar de novo, pelo que a unica cousa que devemos fazer é trabalhar honestamente para corrigirmos o que a lei encerra de mau.

Muito melhor seria que conservasse-
mos aquelles quarenta batalhões de infan-
taria por mais alguns annos, em plena
efficiencia militar, mediante um serviço



gratuito e obrigatorio, do que possuirmos hoje esse apparato que ahi está e que ninguem mesmo sabe para que. Os serviços iriam sendo creados á medida que se precisasse delles e nesse caso, dentistas, picadores e veterinarios ainda não pessariam no orçamento da guerra. Reconhecida a necessidade destes ultimos, viriam os competentes, como foi feito por contrato com os franceses que ahi estão.

A razão está, pois, com o illustre chefe do Estado-Maior, que é partidario de uma revisão geral de tudo que se fez, incluindo a idéa de interessarmos a autoridade civil no sorteio. Ora, não ha meio mais seguro de chegarmos a tal resultado do que contemplarmos devidamente as milicias estaduaes na militarização do paiz, o que não fez a lei nº. 1860, que mandou alistar os officiaes milicianos como simples praças. E qual foi um dos primeiros resultados obtidos? Os governos estaduaes — que são de facto irresponsaveis por todas as cousas que não dizem respeito a luctas partidarias — trataram logo de pôr os officiaes de suas milicias a salvo do sorteio, pelo que o alistamento começou burlado. E' tambem necessário que a autoridade militar fique munida de uma lei que lhe assegure que as listas enviadas a commerciantes, chefes de repartições e escolas, venham cheias de nomes de alistados, em vez de desafôros, como até agora tem succedido em muitos logares. O povo deve tambem ser interessado no sorteio, como fiscal.

Assim, os editaes publicados não devem conter apenas os nomes incluidos no alistamento procedido, mas tambem a declaração de que si alguém conhecer pessoa em condições de ser alistada, alli omittida, que a denuncie.

De quando em vez, e ainda agora, levantam-se não poucas vozes, para negar existencia legal aos pequenos exercitos estaduaes, como um perigo permanente para a unidade nacional; no entanto, devendo toda *lei* corresponder a uma relação necessaria que emana da natureza das proprias cousas, é natural e menos perigoso que se legalise um estado de cousas que si não existe de direito — existe de facto. Convinha, pois, que o pessoal das milicias fosse tirado dentre os alistados, afim de interessar directamente os Estados nas

operações preliminares. Uma vantagem imediata seria o estabelecimento de um serviço mais ou menos regional, com uma reserva — cousa que tão cedo não teremos... Bastava que a União reconhecesse os postos adquiridos segundo certas regras que evitassem os abusos da politiquice, capazes de nos darem *coroneis* em 24 horas de praça. E nem outra vantagem pedem as milicias. Podia tambem ser estabelecido que a precedencia só se verificasse, em se tratando de serviço, dentro de cada corporação. Um certo numero de officiaes poderia, mediante permissão do Ministro da Guerra, e sem onus para a União, fazer estagio nos corpos federaes ou escolas militares.

Mas, como a toda regalia deve corresponder uma obrigação, o governo federal exigiria que os Estados organisassem suas forças de accordo com o estabelecido pelo Grande Estado-Maior do Exercito, que as superintenderia no que diz respeito á instrucção, que tivessem todas armadas com o mesmo armamento, que fossem commandadas, como ainda o é a do Rio Grande do Sul, por officiaes do Exercito, etc.

Finalmente, as milicias estaduaes não ficariam, salvo vontade expressa dos governadores em tempo de guerra, em qualquer dependencia do orgão administrativo que é o Ministerio da Guerra. Outros toques iria o systema recebendo com o tempo, afim de tornal-o como que uma adaptação do systema allemão, si é que a isso não se oppõem os nossos antecedentes sociaes e historicos.

A ingenuidade da Constituinte republicana, imbuida nas utopias da paz universal, pelo bafejo de tantas philosophias demolidoras, não nos deixou aberta uma unica porta para chegarmos á Nação Armada; desfraldou aos ventos da Victoria o pendão da democracia absoluta, cujos fructos estão quasi maduros, e d'ahi essa autonomia de tudo e para todos, que é o caminho mais curto do desmembramento.

E não será esse o perigo?

2. tenente F. Paula Cidade

2º. Reg. Infantaria.

Patrulhas de artilharia

Von Böckmann, major e professor da Kriegsakademie.

Regulamento alemão dos serviços de campanha § 154:

«Na artilharia de campanha o reconhecimento do inimigo e das posições de tiro constitue uma parte essencial da função do commando. Para esse fim servem as patrulhas, em geral, confiadas a officiaes. Muitas vezes convém expedil-as com a cavallaria.

«Na marcha para a posição e na posição de tiro, a artilharia cuida do reconhecimento contíguo. E' preciso não descurar esse serviço no flanco exposto, especialmente em terreno coberto.

«Durante o combate os chefes da artilharia tem que completar permanentemente pela exploração que ordenam, as suas observações pessoais sobre a conducta da sua tropa e o adversario.»

Segundo se infere desse parágrafo, ha tres especies de patrulhas de artilharia: patrulhas de reconhecimento do inimigo, ditas de reconhecimento das posições e dos caminhos de accesso e saída, e patrulhas de segurança, cuja missão é o reconhecimento contíguo durante a marcha e na posição de tiro.

As patrulhas da primeira especie devem ser expedidas cedo para que os resultados por elles colhidos possam aproveitar á luta da artilharia. Ellas tem que reconhecer a força da artilharia inimiga, si possível ainda em sua marcha, e desde o inicio do combate lhes incumbe uma parte importante do reconhecimento artilleristico de combate.

Para conduzir essas patrulhas ao inimigo e sustentá-las convém ligal-as á cavallaria da vanguarda — como o regulamento citado e o da arma o recommendam — que deve apoial-a em qualquer sentido na solução de sua difficult tarefa. Conviria até que nesse sentido fosse dada a ordem pelo cdte. superior, espontaneamente ou a pedido do cdte. da artilharia.

Uma patrulha de artilharia lançada em reconhecimento do inimigo, sem tal apoio será fatalmente, pela sua fraqueza, a presa de qualquer patrulha de cavallaria inimiga.

Não se pôde verberar sufficientemente o erro de attribuir a essas patrulhas mis-

sões que cabem ás da segunda especie.

O reconhecimento do inimigo e o duma posição a ocupar são duas missões que, no tempo e no espaço, não podem ser desempenhadas pelo mesmo orgão.

E' inteiramente erronea uma ordem como esta:

«Reconheça posições para a artilharia, junto á nossa estrada de marcha, entre A. e B. (lugares muitas vezes distantes 10 e mais kilometros.)»

Tal ordem emana de uma situação ainda obscura, e conduz apenas a um desperdicio de energias de cavallos e de homens. Assim vê-se nos exercícios que, das muitas posições cuidadosamente reconhecidas nenhuma vem a ser realmente ocupada. E quantas vezes o official expedido a grande distancia com semelhante ordem não logrou ainda realcançar sua tropa, e esta já é forçada a tomar posição. Tal expedição de patrulhas para reconhecimento de posições a ocupar só é cabivel quando se lhes pôde dar uma missão em raio limitado, como por exemplo, na marcha sobre um inimigo já em posição, ou na retirada. Se, em vista da falta de clareza da situação, não se puder dar ás patrulhas missões precisas, então é conservá-las em seu estado-maior e só expedil-as, após maior esclarecimento da situação e das intenções do commando, com uma missão clara, bem limitada no tempo e no espaço; então sim, o commando e a tropa tirarão reaes vantagens do resultado da exploração.

Sobre a terceira especie de patrulhas não ha perder palavras: a missão das patrulhas de segurança é clara e simples.

A artilharia estará em caminho errado si pretender competir com a cavallaria no serviço geral de exploração; isso não é da alcada da arma, nem ella tem cavalleiros para isso disponíveis. E já são muito grandes as expedições de officiaes que a artilharia tem que fazer para atender ás exigencias da ligação, da observação do inimigo e do reconhecimento e exploração de segurança no seu proprio interesse. E' preciso reduzir ao minimo a subtracção dos officiaes ás baterias pois na guerra isso diminuirá grandemente o resultado e na paz rebaixa os bellos canhões de tiro rapido em mero apparelhos d'estrondar.

Klinger.

O commandante do grupo na guerra

CAPITULO 1º

Terreno

Reconhecimento do terreno. Partes. Reconhecimento da posição.

Reconhecimento opportuno e perfeito é condição preliminar para o sucesso; deve-se dispôr do tempo para isso. (Regulamento alemão de Exercícios de Art., § 395).

Em todas as operações de guerra é de máxima importância o perfeito conhecimento do terreno, pois disso depende em grande parte o êxito dessas operações.

Esse estudo comprehende o das estradas para as marchas e o das localidades para a escolha acertada das posições. Podemos fazê-lo na ocasião de operar ou antes, se houver tempo disponível.

Quando podemos lançar mão de cartas topographicas bem detalhadas o exame é facil e rapido, cingindo-se muitas vezes a simples orientação déssas cartas.

Na falta ou deficiencia das cartas é imprescindível o reconhecimento mais minucioso, tendo-se sempre em vista o fim a que é destinado.

Deve-se entender por essa operação o estudo bem feito do terreno, assignalando os accidentes principaes, de acordo com o uso que se vai dar a esse estudo.

Diremos, por exemplo, de um terreno *reconhecido*, que elle é *montanhoso ou plano, irrigado ou seco*; que é atravessado por taes e tais cursos d'água, que apresenta *cadeias de montanhas* n'esta ou naquella direcção; assim como se tem *planaltos, valles, garganta, thalwegs* mais ou menos extensos; se possue *banhados, lagôas, tremeadas, florestas virgens, fachinas, capões, macegues, etc, etc.*

As vertentes devem ser assignaladas, assim como os *picos os contrafortes e os dôrsos*.

Devemos assignalar se os cursos d'água são grandes ou pequenos, *vadiaveis* ou não. No caso de *invadiaveis* quae os recursos para transpô-los, notando a existencia dos pontos onde existem pontes, balsas, canhões, etc e dos logares *barrancosos* onde se poderá lançar pontes provisórias.

Verificar a profundidade dos *váos* e suas direcções nos rios de grande largura e a velocidade maior ou menor de suas aguas na cheia, a direcção do *trilho* nos lageados de pedras, lisas ou escorregadiças.

E' de grande importância mencionar as estradas de *rodagem*, as carroçaveis, as de *cargueiros* e as *picadas* ou *trilhos*. Convém informar a capacidade das estradas, dizendo a sua largura as rampas mais fortes e a natureza do solo. Assim diremos se é *podegroso, lamacento ou arenoso*.

Nunca esquecer de mencionar os trechos *dificiles e aperfeiçados*, os despenhadeiros e os *atoleiros*. As condições de resistencia das pontes, as que exigem concertos e o estado de conservação dos aterrados e das *pinguélas* nunca devemos omitir.

Não será demasiado dizer os recursos de guerra que apresenta a zona reconhecida, desde que essa seja extensa e deve ser atravessada por um grande destacamento de forças em marcha lenta.

Assim, devemos notar a existencia de pastagens das aguadas em condições favoraveis para os animaes se é possível adquirir forragens.

Será util annotar os recursos para bivaque, acampamentos e acantonamentos.

Assim diremos que em tal ponto ha pastagens em invernadas *alambraas*, agua corrente de lagéado, plantação de milho e alfafa.

São estes os caracteristicos principaes de um reconhecimento para marchas diurnas ou nocturnas. A artilharia é arma que não pode dispensar o estudo do terreno para os seus movimentos, quer de *estrada* quer de *acção*. Assim feito este primeiro estudo façamos o segundo, isto é: o reconhecimento da «*posição*» a ocupar e do terreno de acesso a essa posição.

A *ocupação de qualquer posição deve ser precedida de um reconhecimento especial, feito pelo Commandante da artilharia e em seguida pelos chefes de artilharia subordinados a elle, que quando se trata de grandes unidades, podem ser chamados de antemão ao reconhecimento.* (Regulamento alemão 398.). O terreno de acesso necessita ser reconhecido quanto a viabilidade segurança contra o inimigo. Regulamento alemão 412.

Os maiores desastres que a arma tem sofrido em todos os tempos e em todas as guerras, temido como causa principal o mau ou nenhum reconhecimento do solo de rolagem, e da localidade de estacionamento das peças.

O estudo de uma posição a ser ocupada, deve ser feito com attenção, pois a mór parte das vezes, depende delle o êxito do tiro.

Assim, é, que todos os regulamentos militares atribuem aos diferentes chefes do destacamento de artilharia essa função delicada. Nelle tomam parte o commandante geral de artilharia, o commandante do grupo e o capitão commandante da bateria, dividindo entre si esse meticulo trabalho, como adiante veremos.

Meditando com profunda attenção sobre o aspecto da zona, os chefes militares devem dividir os *sectores*, assignalar os pontos dos objectivos a bater, determinar as estradas ou rampas de acesso, escolher os logares dos pontos de observação, os pontos para collocação de *signaleiros* ou *telephonistas* e o escondrijo apropriado para os armões e para os animaes, não esquecendo que proximo deve ficar a columna ligeira de munição.

A escolha de uma posição exige, pois o seguinte:

«1º Extenso campo de tiro, bem desembaraçado.

2º Terreno bem desenfiado, de facil acesso, proprio para collocação das peças e para seus movimentos.

3º Cobertura para uma crista, estabelecendo o desenfiamento. «E' vantajoso a posição por traz de alturas pouco elevadas e que vão docemente morrendo para o lado do inimigo.

4º Afastamento de objectos salientes como torres, edificios, grandes arvores, córtes na montanha, etc, que facilitem a regulação do tiro inimigo.

5º Afastamento de objectos que possam servir para augmentar o efecto dos projectis, pelo

desmoramento ou esfacelamento, como muros, gradis e arvores.

6º Que na falta de cristas se mascarem nos bosques, nos arvoredos ou por meios artificiaes, como trincheiras cobertas de ramagens e fachinas. Nas guerras modernas os belligerantes têm lançado mão, com grandes vantagens, dos mascaramentos artificiales.

E' de grande importancia na *ocupação* de uma posição a escolha da frente, pois é condenável que durante o fogo se faça uma mudança de tal ordem.

Alem da perda de homens e animaes ter-se-há de suspender o fogo o que é muito prejudicial ao andamento da accão.

O Projecto do Regulamento para a Artilharia montada e a cavallo estabelece o seguinte:

«A artilharia é arma que não dispensa de modo algum nas marchas o *reconhecimento* do terreno para a frente e para os flancos. Sem flanquadores não marcha.»

O Regulamento para o serviço do Exercito Brasileiro em Campanha estabelece no capitulo X algumas disposições sobre *reconhecimento*.

No Artigo 342 diz:

«Toda a operação tendo por fim obter noticias sobre o inimigo, suas posições e movimentos, sobre a topographia e recursos do teatro de operações, tem o nome de reconhecimento.»

Adiante, quando tratar-mos do pessoal, veremos como cada um desempenha as suas funcções. Assim, diremos a parte que toca ao Commandante do Grupo e ao Commandante da bateria e quaes são os agentes ou delegados para cumprimento dessa importante missão.

Fallaremos dos exploradores dos agentes de ligação, dos observadores e balisadores, figuras importantes do estado-maior do Commandante do Grupo.

Alem do reconhecimento para as *marchas* e do *reconhecimento* para *ocupação* da posição a artilharia tem necessidade de fazer o reconhecimento peculiar á arma, no terreno inimigo.

Assim, exploradores da arma acompanhando a cavalaria serão encarregados da missão especial de observar as forças de artilharia do desfecho, especie de arma, isto é, se de montanha ou terreno, prever quaes as posições possíveis de serem ocupadas pelos adversarios. «Todas as observações importantes, mesmo fóra dos limites da missão especial, devem ser transmittidas. (Regulamento Alemão 396.)

Estes informes mesmo vagos que sejam, podem ser de grande utilidade para as forças.

O reconhecimento das posições é feito durante a perda de tempo na *ocupação*. (Regulamento para Artilharia.)

As ordens e as partes com relação ao reconhecimento podem ser assim:

ORDEM DE RECONHECIMENTO

Ao Senhor 2º Tenente X, ajudante do 3º Grupo.

Villa Morretes — 13—8—1913—530 a. m.
Siga já em direcção NO. e reconheça zona Aldéa Passo Fundo, Villa Dominante, Sítio Velho e Missões, para a marcha de artilharia, notificando os recursos de guerra. Envie com urgencia resultado reconhecimento.

Major J.

Commandante do 3º Grupo.

Senhor Major J. Commandante do 3º Grupo.
Villa Missões — 13—8—1913—830 a. m.

De Villa Morretes para o (N) até Agricultura terreno baixo e cultivado.

De Agricultura para (O) até Passo Fundo a estrada segue pela *encosta* de duas montanhas, ha rampas fortes. De Passo Fundo até Villa Dominante apôs a travessia em ponte bem construída, do Rio Grumatan a estrada segue pela *encosta* de duas montanhas, em terreno *arenoso e pesado*.

De Villa Dominante a Sítio ha rampas fortes a vencer principalmente na Collina Dupla, um portilhão a construir, no arroio Cambará, uma sanga em atoleiro proximo desse aroio.

A estrada é estreita e de solo *lamacento*. As subidas da Collina Dupla são *pedregosas*. De Sítio á Missões ha campos, terrenos cultivados e *macegaes*. A estrada é larga e leve.

Ha recursos de guerra em toda zona: *aguadas pastagens, generos de alimentação e forragens*. As Villas Passo Fundo, Dominante e Missões são povoações adiantadas.

2º Tenente X,
Ajudante.

2º Exploração do terreno Partes e Croquis.

Como na engenharia julgamos útil estabelecer nas operações militares a diferença entre *reconhecimento e exploração*.

Entendemos pelo primeiro um estudo mais rápido, pouco minucioso, sem dados numericos, dispensando croquis ou plantas.

Pelo segundo estudo mais cuidadoso, mais detalhado, apresentando distancias medidas por meios expeditos, cotações, profundidades e velocidades de cursos d'água, estradas com direcções determinadas, rampas com as porcentagens estabelecidas, capacidade dos meios de transportes,

A exploração terá tambem fins mais importantes, como sejam colher dados para lançamentos de pontes provisórias, aberturas de estradas, construções de entricheiramentos rápidos pois, nem sempre é possível estar-se perto da engenharia, e cada arma deve ser capaz de resolver por si os problemas de urgencia.

Assim, far-se-há a exploração para estabelecer a defesa do passo de um rio, de uma ponte ou de um ponto de apoio para ser artilhado, tendo em vista uma accão defensiva mais duradoura.

Far-se-há tambem a exploração de uma praia para embarque, de um terreno para acampamento, de uma Villa para acantonamento.

Nas explorações determinaremos a *largura*, a *profundidade* e a *velocidade* dos rios; a largura e o declive maximo das estradas e as cotações das principaes elevações.

Na exploração de uma zona daremos uma estatistica aproximada da producção em generos alimenticios e em forragens; e da existencia

de officinas ou fabricas que possam ser uteis a artilharia.

Para maior claresa damos abaixo uma parte de exploração.

*Ordem de Exploração y
Senhor Tenente X, ajudante do 3º Grupo.*

Villa Morretes—13—8—1913.

A's 5,30, a. m.

Siga em direcção (N) e explore a zona Villa Morretes, Fabrica de Conservas, Candelaria da Lagôa, Carvoeiro e Fabrica de Licores. Envie parte até amanhã (14) ás 6,30 a. m.

Major Y.

Commandante do 3º Grupo.

Major Y, Commandante do 3º Grupo.

Fabrica—14—8—1913. As 6,30 a. m.

PARTE

Partindo de Morretes em direcção (N) até Fabrica de Conservas e d'ahi em direcção (NE) até Candelaria, percorre-se 16 kilometros em boas estradas e terreno natural, com rampas maxima de (1,75) até a altitude de 140 metros, em Fabrica. Na Candelaria pode ser feito um bivaque, pois, ha todos os recursos para isso. De Candelaria para (NO) até a bifurcação da estrada do Carvoeiro, percorre-se um terreno plano, baixo e alagadiço.

De Carvoeiro até Fabrica por Canaviaes a estrada é em rampas de 1 1/2 em terreno pedregoso, estreita, com despenhadeiros pela esquerda.

Nesse trecho atravessa-se o lageado Bonito com 10 metros de largura, de fundo escorregadio, e com agua a altura de om.,30.

Em Candelaria ha uma officina de ferreiro bem montada. Em Carvoeiro ha um grande plantio de alfafa e em Canaviaes grande plantação de cannas de assucar. Existe uma linha telegraphica de Candelaria ao Sanatorio Militar. Ao passo aferido do cavalo determinei as seguintes distancias:

De Villa Marretes á Fabrica — 13 1/2 kilomtr.
De Fabrica á Candelaria — 2 1/2 ”
De Candelaria á Carvoeiro — 14 ”
De Carvoeiro á Fabrica de Licores — 16 ”

Em Fabrica de Licores ha recursos para manter 500 homens por espaço de oito dias e forragem para 600 cavallos durante dez dias.

Junto envio croquis das passagens principaes.

2º Tenente X.

Ajudante do 3º Grupo.

Croquis. Como complemento de exploração torna-se utilissimo a organisação de um croquis ou de uma planta expedita. Assim, lançaremos num papel qualquer com um lapis os principaes accidentes do terreno, orientado pelo Sol e pelo relogio, dando as distancias principaes determinadas pelo passo do cavalo.

Se tivermos na occasião uma bussola de alibreira e um podometro com mais precisão serão dadas as direcções e as distancias.

Para os serviços de campanha não se necessita de maior precisão.

As cotações podem ser avaliadas a simples vista, com o binocolo graduado ou por qualquer meio expedito. Adiante, quando tratarmos do pessoal veremos como é dividido o serviço entre os individuos, encarregados das diversas missões.

Major João N. da Costa.

Cdte. do 3º Grupo.

Praxes a eliminar

A defesa nacional, essa ingente tarefa de cujo desempenho se encarregam os elementos profissionaes das classes armadas, exige hoje, com a evolução continua da arte da guerra, uma grande somma de conhecimentos que só pôdem ser adquiridos com esforçado trabalho, através de estudos theoricos e praticos, e que, para serem efficientes precisam ser diariamente malhados na bigorna dos exercícios.

Além de provêr ao preparo proprio, têm os officiaes de cuidar do adextramento dos cidadãos que vão passando pelas fileiras. E este trabalho é tanto mais penoso entre nós, quanto é certo que nada temos de organizado a respeito do importante problema do recrutamento.

Além de não termos épocas determinadas para a incorporação de recrutas, ha ainda contra nós o sistema do voluntariado ao Deus dará, cuja unica virtude consiste em fazer com que tenhamos um exercito de mercenarios nacionaes, oriundos, em sua grande maioria, das classes menos providas de educação intellectual e moral, e por isso mesmo incapazes de comprehender a necessidade e o dever de se tornarem aptos para a defesa da terra e da sociedade de que são filhos.

E' pois, duplamente difficult a missão do profissional militar. E esta difficultade é ainda augmentada, em não pequena escala, por uma série de serviços parasitarios, entre os quaes alguns incompatíveis não só com a missão, mas até mesmo com a dignidade do official.

Estão neste ultimo caso, como são aqui interpretados e executados, os serviços de superior de dia, de ronda, de visitas e de auxiliar do superior de dia.

Quem tem a infelicidade de fazer ou de haver feito esses serviços, ha de conhecer bem de perto a sensação de cons-

trangimento, de vexame, de desalento e de humilhação que elles causam.

Para edificar, citaremos o seguinte episódio:

Era em um dia de festa nacional.

Iamos iniciar o serviço da noite.

Vestiamos, os trez officiaes, o nosso bello uniforme de calça garance e tunica pontilhada de botões doirados que luziam ao fulgor das lampadas electricas. As mãos enluvadas de pelica branca, a *chatelaine* metalica a tilintar na espada reluzente, seguimos na attitude de quem vai honrar, com a gloriosa farda do exercito brazileiro, alguma solemnidade importante.

Dobrada a primeira esquina entrámos em pleno serviço.

Estavamos em uma dessas ruas imundas em que os açouges de carne viva de lado a lado se enfileiram num vasto mostruário da baixeza humana.

O superior de dia, que exigira a nossa presença, seguia na frente, erecto e convencido. Logo atrás o outro official; e em seguida íamos nós, pensando em que talvez fôra melhor ter levado, em vez de espada, um frasco de desinfectante.

Iamos fazendo estas reflexões hygienicas quando de repente tivemos a attenção despertada por um espectaculo singular.

Uma chusma de mercadoras envolvia o nosso superior de dia, ao mesmo tempo que algumas mais exaltadas agarravam-se a dois soldados do exercito e os levavam á presença daquella autoridade.

Seguiram-se as explicações urradas em russo, ladradas em arabe, uivadas em napolitano, zurradas em tcheck e grasnadas em allemão e polaco.

Ouvidas as partes, resolveu o superior de dia mandar os dois soldados presos para o Quartel-General. E fômos adiante.

As mercadoras, cremos que descontentes com a solução, ficaram a fazer-nos grandes elogios em voz alta. Pudemos entender, entre outras coisas, que nos gritavam: *carona! carona!*

Iamos de novo a scismar, pensando em que o nosso capitão devia ser um grande polyglota para ter entendido todo aquelle arrazoado, e em que a tal historia da torre de Babel é mais verosimil do que a principio parecia, mas eis que subitamente um outro facto identico ao primeiro vem-nos despertar outra vez a attenção.

Desta feita, provavelmente para evi-

tar elogios como os anteriores, o capitão ordenou que os soldados pagassem a mercadoria que haviam consumido e depois fel-os recolher a quarteis.

O resto do serviço correu assim, suavemente.

No dia seguinte, não tivemos animo para cuidar dos misteres da profissão e só desejavamos que o mundo se pulverisse para com elle desapparecer o tal serviço de fiscalisação dos negocios da firma São Jorge, Regente & Comp.

Eis como justificamos o qualificativo de humilhantes a certos serviços parasitarios a que somos obrigados por força de uma praxe estulta que não sabemos de onde nem de quando vem, mas que provavelmente vem do mesmo tempo em que a missão do exercito brazileiro era guardar a pessoa d'El Rei e capturar escravos fugitivos.

Hoje, pela constituição politica vigente, o exercito destina-se ao preparo dos cidadãos para a defesa da Patria e das instituições republicanas.

O policiamento das ruas compete á polícia civil.

Tratemos de cumprir o nosso dever e deixemos que a polícia cumpra o seu.

Na rua, fóra de serviço, o militar é tão civil como qualquer de seus concidadãos e por isso está sujeito ás mesmas leis e ao mesmo dever de obediencia á autoridade policial.

Que as autoridades superiores do exercito não vejam nestas palavras a mais leve sombra de censura. Que vejam antes, em a narração destes factos deprimentes, uma informação amiga que enuncia uma verdade sentida e amargada por todos os officiaes que são obrigados a esse humilhante papel.

O argumento de que é necessaria a fiscalisação nas ruas por parte de autoridades militares, para impedir ou reprimir as desordens praticadas por soldados do exercito, não resiste á mais leve e apagada critica.

A manutenção da ordem nas ruas, em tempo de paz, compete exclusivamente á polícia.

Em consequencia da intromissão de forças do exercito em função alheia e da má comprehensão de sua missão por parte de alguns camaradas nossos, foi-se criando no espirito do soldado inculto uma no-

ção erronea a respeito da obediencia que deve prestar á autoridade civil.

Assim desorientados e acorçoados pera existencia nas ruas de patrulhas e autoridades do exercito, alguns desordeiros, que geralmente já o eram antes de assentar praça, e que muitas vezes tinham contas a ajustar com a policia, provocam disturbios e desrespeitam as autoridades policiaes. E não é raro que as patrulhas do exercito intervenham em favôr desses maos elementos, por um mal entendido espirito de classe. Dahi, a origem de graves conflictos que ficam como sementes de uma planta damninha e que hão de reproduzir periodicamente os mesmos fructos, enquanto as altas autoridades militares não hajam por bem eliminar essa praxe perniciosa do policiamento das ruas pelo exercito em tempo de paz.

Que se entreguem os desordeiros do exercito á acção da policia, como já faz a marinha.

A expulsão das fileiras completará a obra.

E então, com bons cidadãos e bons soldados, rumo á caserna, rumo aos campos de manobra, e preparamos com abnegação e amor a defesa da Patria e da Republica.

Brazilio Taborda.

Material de artilharia francez e allemão

Em geral os representantes da industria europea, mui principalmente os das fabricas de armamentos, cingindo-se ao seu verdadeiro papel de negociantes, empregam os maiores esforços para nos convencer da superioridade dos productos de sua usina sobre os das outras e, para isso conseguir, servem-se de todos os meios não hesitando, siquer, alguns delles em adulterar factos dos quaes tiram illações illogicas, comparando, não poucas vezes, coisas inteiramente heterogeneas e, dest'arte, conseguem trazer ao nosso meio profissional a confusão e o desnorteamento.

A recente guerra turco-balcanica offereceu-lhes mais uma oportunidade aproveitada não somente por elles mas ainda pelos dilettanti de artilharia e, mesmo, por simples rabiscadores de «cartas parisienses» para, mais uma vez, tentarem convencer-nos da superioridade da tactica e da artilharia francesa sobre a artilharia e tactica allemã.

Como vejo entre nós um bom numero de camaradas, em a sua maioria simples ledores de

assumptos sobre artilharia já propensos a acci-tarem aquellas illações que reputo inadmissiveis venho, penso, cumprindo um dever altamente patriotico e, mesmo, de justica, lançar um tenue raio de luz sobre esta questão que será, de certo depois melhor tratada por collegas de maior competencia: assim poderemos nos collocar em guarda contra essas sugestões commerciaes.

Abusa-se em geral, entre nós, da natural sym-pathia que pela França têm os paizes latinos e, assim, desejando a acquisição deste ou d'aquelle material, somos influenciados não pelo cerebro mas, na maioria dos casos, pelo coração e não será raro aqui encontrar-se quem mais entusiasmo pelas coisas francesas tem do que mesmo os proprios franceses! Ora, este excesso nos tem feito verdadeiros subditos intellectuaes da França e nós, cuja indisciplina, diz-se, está na massa do sangue (⁽¹⁾) somos, a esse respeito de uma submissão tal que a faculdade de discernir esvae-se ante essa especie de obcessão.

Antes de entrar em assumpto e, ainda, para bem definir a nossa posição, declaro que não sou, como por ahí se diz, um fanatico admirador da Allemanha: antes de para esse paiz partir eu conhecia da França isso que os seus incondicionaes imitadores conhecem e, como elles, fazia uma ideia perfeitamente falsa da patria de Frederico o Grande.

Assim, ao passo que esses camaradas são loucos de entusiasmo por aquillo que não conhecem e odeiam e desprezam o que tambem não podem ainda comprehendêr, eu, o fanatico ou o prussiano, sem de modo algum abdicar da minha liberdade, admiro aquillo que vi de perto e sou grandemente entusiasmado por uma nação onde vi realizado o meu ideal de cidadão, de patriota e de soldado!

Sobre o assumpto de que vamos tratar, porém, eu sou perfeitamente insuspeito; pois, manteño as mesmas opiniões que antes de servir no Exercito Allemano professava e podem atestal-o aquelles que, sob a minha direcção, de 1907-1910, na linha de tiro do Realengo, com o material Krupp de tiro rapido trabalharam.

Assim, admirando e estimando, mesmo, essas duas grandes nações — a França e a Allemanha, ambas para nós inesgotaveis fontes de ensinamentos, encaro aqui a questão como o profissional que não deseja ver sacrificados os interesses da defesa nacional á homenagem a este ou áquelle paiz e sim, levado pelo mais são pa-triotismo, procura contribuir para que o Brasil não venha a pagar mui caro seu injustificavel excesso de latinismo.

* * *

Em primeiro logar, somente uma guerra entre allemaes e francezes, o que absolutamente não desejo, poderia, até certo ponto, nos dar oportunidade para bem julgarmos dos respectivos methodos de combater. Digo até certo ponto porque penso que a indisciplina de que temos aqui frequentes noticias, como que latente no glorio-so Exercito Francez, não poderá permitir que a França possa amanhã, no campo da acção sem solução de continuidade, empregar os prin-

(1) Como disse na minha conferencia, no Club Militar realisada, onde vemos indisciplina devemos ver falta de educação e ignorancia.

cipios nos seus magníficos regulamentos expostos.

Si assim é, como ajuizar-se do methodo e material allemão empregados pelos turcos cujo exercito desorganizado, indisciplinado ainda peior se torna com a anarchia social do paiz e com a incompetencia verificada entre muitos dos seus chefes? Que ha de commun, de comparar, entre a Alemanha e a Turquia? Que absurda comparação não seria feita entre esse Exercito Turco assim enfraquecido pela politicagem, pela desorganisação, falta de patriotismo e de competencia de muitos dos seus chefes e o modelar Exercito Allemão?

Supponhamos que rebentasse amanhã uma guerra entre o Brazil e uma nação do nosso continente instruida por officiaes franceses e com o material frances armada e que o governo se lembrasse de dar o commando das baterias de campanha Krupp aos capitães que no Exercito Allemão houvessem servido. Antes de atingir á fronteira estariam fatalmente reduzidos a um minimo de cavallos magros. A bateria seria organizada com a gente mais baixa e mais ignorante da nossa sociedade; gente essa, é verdade capaz de sacrifícios e de heroismos mas incapaz de tirar bom partido do material de que dispõe.

Por outro lado os chefes de bateria, por melhor que tenham visto e aprendido no Exercito allemão não têm ainda o treinamento necessário e nem mesmo regulamentos que, já muito praticados os possessem familiarisar com o comando de tropa em campanha.

Os serviços auxiliares ainda em embryo, a falta absoluta de boas vias de comunicação e de cartas (!!!), a incultura cívica e o analphabetismo das populações etc, etc., tudo isso daria certamente lugar a que essa artilharia não chegasse mesmo a ser empregada ou fosse na acção vencida! Ora, pergunto, poderíamos, dada a hipótese acima, logicamente concluir que a artilharia e tactica francesas seriam ás congêneres allemães superiores?

Tomemos apenas douz factos que bem podem caracterisar o estado do Exercito Turco na recente guerra.

Um capitão com a sua artilharia em acção observa pacatamente a marcha da infantaria adversa sobre a bateria. Um reporter pergunta-lhe: mas, Capitão, porque não atiraes sobre essa infantaria que vem tomar a artilharia?

Responde-lhe o Capitão: Ainda não recebi ordem para atirar!!!

Ora, o General V. der Goltz não pode ter ensinado a falta de iniciativa aos officiaes turcos pois, na Alemanha vi, por diversas vezes, dizer-se aos recrutas exercícios de iniciativa.

Um outro facto nos mostra que antes da recente guerra a Turquia estava atrasada da Alemanha pelo menos de 150 annos.

Ei-l-o: Uma artilharia em acção recebe projectis de madeira para exercícios!!!

Sem commentarios. Pergunto apenas: Qual o serviço de intendencia? Qual o serviço de remuniciamento da linha de fogo?

Como se fazia o serviço de compra de material bellico na Alemanha? Haverá em tudo isto algo que com a tactica, disciplina, patriotismo, iniciativa e artilharia allemã se assemelhe?

Sobre a questão de material de artilharia não é menor a confusão. Mostremos primeira-

mente como no assumpto se comparam coisas heterogeneas.

Artilharia de campanha Krupp não é a mesma coisa que material de artilharia Allemão.

Entendo por material Krupp de campanha o mais moderno canhão feito na usina Krupp e material allemão os canhões com que é armada a artilharia allemã. Assim, para estabelecer um confronto do qual se possam trirar conclusões logicas deveria esse confronto ser feito entre:

a) Canhão Krupp de campanha em serviço no Exercito Allemão e o 75 frances (S-Ca-net);

b) Canhão Krupp ultimo modeio e o mesmo canhão frances;

c) Canhão Krupp em serviço no Exercito Brasileiro e o mesmo 75 frances.

Ha, alem disso, a notar-se a diferença, em detalhes importantes, existente entre o material fabricado na casa Krupp e o fabricado ou modificado na fabrica pertencente ao proprio Exercito Allemão; detalhes esses que constituem segredo apenas confiado a limitadissimo numero de officiaes.

Não devemos tambem, tendo em vista uma preferencia, comparar essas machineas de guerra assim de um modo puramente abstracto, deixando de levar em conta o meio em que deverão ellas ser empregadas o que, como vamos ver, nos levaria a cometer graves erros.

Um dos pontos a que os franceses apegaram-se fortemente para fazer salientar a superioridade do seu canhão de 75 m/m foi o sistema de fechamento e, esquecendo-se de que já possuímos o canhão Krupp C. 28. T. R. mod. 1905 (q actualmente o mod. 1908) cuja cunha abre e fecha com um só movimento, continuam a estabelecer a comparação entre o seu modernismo apparelho de fechamento de parafuso e a antiga cunha Krupp.

Actualmente reconhecem os grandes melhoramentos introduzidos na cunha Krupp, tendo ficado a questão da obturação, em virtude do emprego do cartucho metallico fora de discussão, pois ella é perfeitamente satisfactoria.

Não conseguiram ainda convencer-nos de que a resistencia ao arrancamento da culatra seja maior com os filetes do que com as faces superiores e inferiores do tubo reforço na culatra Krupp. A mortagem nesse tubo aberta apresenta o inconveniente de fazer com que elle somente resista ao desculatramento por arrancamento do apparelho de fechamento. Esse tubo reforço terá então de resistir não só áquelle effeito destruidor das pressões dos gazes da polvora mas ainda ao arrebentamento em quanto que o tubo alma de modo algum contribue para evitar o effeito daquellas pressões sobre a culatra. Pode, entretanto, ser preferivel dar-se ao tubo reforço uma maior tenacidade a fazer-se uma operação delicada como a do roscamento do tubo alma, mormente em canhão de medio e grosso calibre com o emprego da virola rosada. Sem entrar pois, no terreno da grossa artilharia e baseados na longa experincia que do material Krupp temos, podemos concluir que a moderna cunha Krupp e o moderno parafuso se equivalem como apparelho de fechamento. O parafuso é mais leve; a cunha contribue com o seu peso para uma melhor extracção e ejecção do estojo metallico

e a sua maior inercia augmenta a resistencia ao arrancamento da culatra. (1)

A cunha é muito mais simples do que o parafuso o que é de grande importancia no nosso meio actual.

Um outro ponto de vista interessante é o sistema de pontaria em direcção. O sistema de corredica adoptado no 75 francez faz com que esse canhão tenha um maior campo de tiro horizontal e melhor possa executar o tiro *de ceifa* (*en fauchant*).

A meu ver a superioridade do canhão francez sob este ponto de vista, reside apenas no maior campo de tiro; vantagem esta aliás obtida com sacrificio de outras. Assim o sistema de corredica exige um escudo aberto e a protecção dos serventes não é tão perfeita como no material allemão cujo escudo é tambem maior. O recuo do canhão sobre o reparo inferior se faz no sentido da flecha mas uma das rodas, durante um certo tempo, supportará todo o peso do corpo do reparo e do tubo ahi incluindo-se o dos serventes nos respectivos bancos sentados e é de crer que a roda em questão venha a fatigar-se mais rapidamente. O movimento aziuthal faz-se entorno da pá de conteira e é executado pelo apontador; assim apontando-se para a esquerda o corpo do reparo deslisa no mesmo sentido sobre a corredica do eixo, a roda direita avança enquanto a esquerda recua.

Este bello engenho empregado no terreno europeu e servido por optimos serventes dará, de certo, bons resultados na practica; mas dar-se-ia aqui o mesmo, após alguns dias de marcha?

Como se portaria esse material sobre um terreno muito frouxo ou muito molle onde, após um certo numero de tiros as rodas se enterrassem um pouco? Somente uma experiençia nesse sentido nos poderá responder. O material Krupp adapta-se a qualquer terreno e o movimento aziuthal do berço sobre um munhão vertical não é um obstaculo ao tiro *de ceifa* (*en fauchant*); pois, se bem que com menor amplitud o material o supportará perfeitamente sem apresentar os inconvenientes acima apontados. O freio não funcionaria (o que tambem se dá no material francez) symmetricamente sobre o reparo mas a percussão da peça sobre elle, grandemente attenuada pelo recuperador, não poderia, penso, attingir um valor maximo capaz de fatigar uma das rodas.

Supponhamos a peça já ancorada atirando com o angulo maximo de derivação ou seja 60 millesimos.

A força representando o recuo no seu maximo, decompõe-se e dá lugar ás componentes segundo o eixo e segundo a flecha.

A 2a. força vem agir directamente sobre a pá de conteira e contribue assim para a estabilidade da peça *no tiro*. A componente segundo o eixo é a unica prejudicial ao material pois tende a fatigar a roda, da qual se acha approximada a culatra.

O seu valor, poisque o recuo é constante depende apenas do seno do angulo que o eixo do

canhão forma com a flecha, que, como vemos é muito pequeno.

O apparelho de pontaria em direcção, simplicissimo, quando comparado com o do canhão francez, não tem a deslocar um peso colossal (donde a necessidade de ser delicado, complicado e, naturalmente, mais caro), isto é — o corpo do reparo, o berço do canhão e 2 serventes, mas simplesmente agindo sobre a parte posterior do canhão fazel-o descrever horizontalmente um angulo em torno de um munhão central

* * *

O canhão francez e o nosso Krupp modelo 1908 são ambos de linha de mira independente com luneta panoramica. No primeiro, quer sob o ponto de vista pratico, quer sob o theorico é perfeita a independencia da linha de mira.

No Krupp 1908 a linha de mira não apresenta uma independencia tão perfeita quando analysada á luz da theoria: sob o ponto de vista theorico, elle é mais uma alça de mira independente. Quando se abaixa ou se levanta a culatra para dar o angulo de alça, a *haste telescopică*, cujo parafuso sem fim está ligado á cremalheira da alça, transmite a esta um movimento de translacão ascensional ou descensional que, praticamente, mantem o eixo optico da luneta ou, seja á linha de mira em uma posição constante.

Theoricamente, porem, como a haste telescopică é um pouco inclinada para a frente, acontece que não ha uma relação constante *absoluta* entre um dado cumprimento de parafuso de pontaria e um correspondente deslocamento da alça em todas as condições de terreno. Aquella inclinação dá lugar a paralaxes diferentes para deslocamentos iguais da alça; paralaxes estas em relação ao centro dos munhões ficticios. O erro d'ahi proveniente é pouco maior do que 2/1000 da distancia. Nas distancias medias de combate e nas grandes distancias esse erro sommado ao desvio provavel em altura daria lugar, com efecto, a grandes variações de alcance si não for feita pelo apontador a necessaria e facil corrigença.

No canhão Krupp em questão a derivação normal e á consequente ao desnivelamento das rodas é feito mecanicamente o que, sendo simples, facil e rapido, de maneira nenhuma impede que a derivação produzida pelo vento (a mais importante segundo os franceses) seja feita por commandos ou mudanças de derivas executadas no tambor do goniometro. Os franceses dizem que essas correccões automaticas ou mecanicas de deriva, desnecessarias no caso dos canhões de trajectoria rasante só têm importancia e são mesmo indispensaveis no caso das peças de tiro curvo.

Mas podendo-se corrigir essas derivações não mecanicamente e automaticamente (1) como no material Krupp mas por um commandamento de deriva ou pelo emprego de um judicioso mecanismo de tiro porque não podemos corrigir aquele desvio em alcance com um commandamento de alça?

* * *

Tambem, passando a outro ponto, quanto ao freio de recuo com recuperadores nenhuma du-

(1) Automaticamente para a derivação normal e mecanicamente para a devida á diferença de altura das rodas.

(1) Desde que ella, como acontece, seja bem ajustada na mortagem e nenhuma oscillação ahi possa ter quando fechada.

vida tenho de que um apparelho qualquer *hydro-mecanico* (Krupp) é sempre mais simples, menos susceptivel de desarranjos e mais facil de concertar-se do que um outro *hyddro-pneumatico*. O freio Krupp funciona com um minimo de liquido e com molas recuperadores partidas (2).

Após mui grande numero de tiros o canhão Krupp não volta perfeitamente em bateria por causa da dilatação do liquido.

Mas si o tubo fica afastado da sua posição inicial menos de 12 cm. pode-se continuar a atirar sem inconveniente. No caso contrario esperar-se o tempo necessário para que o liquido esfrie.

Ainda sob este ponto de vista podemos concluir: os dois freios se equivalem mas o Krupp é mais simples, menos susceptivel de desarranjos e mais facil de concertar-se e, parece-me mais apropriado ao nosso pessoal e ao nosso meio.

Pena é que não possa comparar os dois canhões quanto á resistencia á tracção mas não accredo que qualquer bom material que aqui passasse pelas mesmas *provas* a que tem sido sujeito o 1908 em melhor estado do que elle podesse estar.

* * *

Estudemos agora os dois canhões quanto á potencia e á mobilidade, qualidades essas, como sabemos, á artilharia de campanha essenciaes.

Incluamos no quadro seguinte o material em serviço no Exercito Allemão e, mais uma vez, veremos o absurdo a que chegariamos si, antes não houvessemos feito a separação do joio do trigo.

efficaz e mais potente do que o material em serviço no Exercito Allemão, apresentando este sobre aquelle uma maior mobilidade.

Ora, sabendo-se que na França como na Alemanha ha optimos animaes de tracção, perfeitos conductores e magnificas vias de comunicação, poder-se-ia sacrificar um pouco a mobilidade no material allemão em busca de uma maior potencia e efficacia; pois dadas aquellas codições de terreno, uma diferença em peso de mais ou menos 150 kilos não prejudicaria sensivelmente a mobilidade.

O material francez é ainda notavelmente superior ao em serviço na Alemanha na rapidez do tiro: este atinge a velocidade de tiro de 12 por minuto enquanto aquelle pode dar 20.

Essa grande diferença é devida a maior rapidez de pontaria (linha de mira ou alça independente com luneta panoramica) e aos graduadores automaticos de que dispõe o Schneider-Canet.

Aquella diferença de peso, desrespeitável até certo ponto nos paizes acima considerados, seria digna da maior consideração no nosso meio; pois, como nos mostra uma serie de exemplos historicos, muitas baterias não chegaram, mesmo na Europa, ao campo de acção ou ali chegaram demasiado tarde para agir.

O quadro acima mostra-nos ainda a grande inferioridade, quanto a potencia, do nosso canhão Krupp 75 m/m modelo 1908 em relação ao francez e ao allemão e sendo quasi igual ao material francez em rapidez de tiro, bastará apenas a adopção de mais um graduador automatico para que elle o attinja.

Si, então, trata-se de, entre os tres materiaes, escolher o melhor a ser empregado na França ou na Alemanha, por exemplo, ninguem de certo hesitará em preferir o Schneider-Canet, sendo o nosso 1908 inteiramente posto fora de concurso. Mas em um meio como o posso, sem vias de comunicação, sem animaes de tracção, sem conductores, etc, etc ,seria isso um enorme erro profissional ou um crime de lesó-patriotismo: o Schneider-Canet e o canhão allemão seriam aqui impossivel emprego prego como peças de campanha e si, como fizemos com o material Krupp, quizessemos adaptar ao nosso terreno o material Schneider-Canet reduzido o seu peso nos diversos elementos de 400 kilos (!) em media redonda, teríamos fatalmente como resultado um canhão inteiramente identico em potencia, mobilidade e rapidez de tiro ao nosso actual material de artilharia de campanha; apenas, talvez, mais delicado e mais complicado.

A solução do problema não reside, no nosso caso, na mudança de material o que, alem de perfeitamente inutil, viria augmentar colossalmente a anarchia em que nos debatemos. A potencia da nossa artilharia de campanha será ainda por muito tempo sacrificada á sua mobilidade e somente construindo bôas estradas, melhorando e conservando as existentes, cuidando da nossa industria cavallar, realisando o serviço militar obrigatorio, poderemos vir a merecer algum dia um perfeito material de artilharia de campanha.

O nosso canhão Krupp 1905 superior ao canhão allemão em mobilidade e rapidez de tiro e a elle em potencia inferior, era já para nós um bom material de artilharia de campanha e mu-

Peso em kilogrammas	França	Brasil	Alemanha
Peça em bateria	1130	852	1000
Carro de munições em bateria	1225	792	1000
Viatura peça sem serventes	1885	1463	1770
> munições > >	2000	1415	1830
Peso do schrapnell	7.24	5.5	6.85
Densidade de secção	163.6	124.5	147.2
Peso dos balins	12 gs.	10 gs.	10 gs.
Numero de balins	300	258	300

Da inspecção deste quadro consegue-se facilmente que o canhão francez é realmente mais

(2) Não assisti a todos as provas de concurso de canhões aqui realizadas. Pessôa idonea, porém, disse-me que o Schneider-Canet aqui apresentado teve por occasião do tiro a haste do embolo enjambrada e não poude, por isso, continuar a atirar. O moderno canhão francez é mais aperfeiçoado mas nós tambem já tivemos o mod. de 1905 e agora o 1908.

quanto resolviamos os importantes problemas a que acima me referi, poderíamos aguardar que a usina Krupp dísse o seu mais perfeito produto evitando assim passar pelo canhão intermediário 1908 que, antes de bem conhecido, será pelo 1913 substituído.

Disse acima que o nosso material 1905 é superior em rapidez de tiro ao actual canhão alemão, e, entretanto, os alemães, não podendo fazer o rearmamento de 600 baterias de campanha vão aos poucos introduzindo os novos aperfeiçoamentos e procuram compensar (o que de facto conseguem) a inferioridade do seu material com o perfeito adestramento dos seus artilheiros e a inescrevível capacidade de seus officiaes.

Possuir-se na realidade um canhão com grande rapidez de tiro, sem columnas ligeiras de munição, sem um bom serviço de remuniciamento, sem estradas, sem pessoal adestrado, sem reservas etc, somente ao inimigo vantajoso pode ser. Não é da melhor artilharia que muitas vezes depende a victoria, mas do emprego tactico que dessa artilharia se faz. A propria Prussia viu em 1866, na Guerra da Bohemia, isso que acima affirmei; applicou a lição então recebida em 1870 e será ainda a tactica das massas, a concentração de fogos o elemento que dará a victoria á sua artilharia, não obstante aquella inferioridade, si os modernistas franceses amanhã, em uma guerra, a meu ver absurda, despresando os conselhos do General Fayolle, insistirem, na sua original maneira de encarar o principio da economia de forças.

Eis ahi a questão no seu verdadeiro pé: não se trata aqui de Alemanha nem de França; não se faz germanismo nem latinismo (francezismo, talvez), mas patriotismo — trata-se dos interesses da defesa nacional!

Rio, 6 de Deezembro de 1913

PARGA RODRIGUES.

Capm. de Artilharia

Construcção das trincheiras-abrigo (1)

Preparação do terreno em sua frente

276. Deve-se, tanto quanto possível, retirar da frente das obras, todo revestimento do terreno que limitar seu campo de tiro e difficultar a vista dos atiradores, bem como tudo o que facilitar ao inimigo o emprego de suas armas, sua observação e a efficacia

(1) Camaradas do corpo em que servimos haviam-nos pedido para lhes dar por escrito alguns preceis os praticos sobre a construção das trincheiras-abrigo visto não possuir ainda o Exercito um regulamento para o serviço de sapadores e nada dizer sobre o assunto o "Regulamento para o serviço em campanha."

Não lhes poderíamos dar nem mais nem melhor do que estas prescrições, tiradas do regulamento alemão para o "serviço de sapadores em todas as armas" *Feld-Pionierdienst aller Waffen*, e 12 de Dezembro de 1911.

Se satisfizerem a esses dist'ntos camaradas, terão estas linhas preenchido o fim a que se distinham.

E. L. C.

de seu fogo; em caso de necessidade, deve-se preparar o terreno na frente das trincheiras de modo a que se possa livremente atirar. Desde porém que o revestimento do terreno difficulte o ataque do inimigo ou torne impossivel reconhecer as obras, elle deve ser conservado.

Uma fileira de arvores em frente á posição pôde difficultar a observação á artilharia inimiga e, em certas circunstancias, quando ella se achar a distancia suficiente e tiver bastante altura em relação á posição, pode assegurar-lhe uma protecção, produzindo um prematuro arrebentamento dos projectis inimigos. Ella é, porém, prejudicial, sempre que, por sua pequena distancia á posição, possa occasionar o prematuro arrebentamento dos projectis da propria artilharia

Muros, sebes, vallas, etc., cuja direcção corra longitudinalmente á posição e possam ser d'ella batidos, são quasi sempre pouco para temer. Moitas, casas isoladas ou coberturas semelhantes, quando visíveis ao longe, sobre terrenos descobertos e na frente da posição, attrahem quasi sempre as tropas atacantes e podem, por isso, offerecer ao defensor occasião para augmentar o effeito de seu fogo.

As macégas altas devem ser ceifadas ou deitadas e pizadas. Nos vinhedos, pode-se organizar pequenos obstaculos á marcha, empregando-se fios de arame que liguem os pés das plantas. Só é aconselhavel lançar fogo á vegetação quando não se tenha a temer effeitos prejudiciaes para as proprias forças.

As depressões de terreno que não sejam visiveis, devem ser, quanto possivel, tornadas intransponíveis por meio de abatizes, minas, etc. Os dispositivos do terreno que facilitem a approximação do inimigo (pontes, etc.) devem ser destruidos ou para tal fim preparados.

Os pontos de referencia mais notaveis, quer na posição, quer atraz della, e os pontos de observação do terreno fronteiro á obra, que possam favorecer a execução do ataque inimigo, ou orientar a direcção desses fogos, taes como, arvores isoladas, moinhos de vento, torres, etc., devem ser eliminados.

281. Determinam-se as distâncias aos pontos mais importantes do terreno em frente á posição. Para a artilharia, se determinarão alem disso, as distâncias ás posições que provavelmente ocupará a artilharia inimiga. Onde faltem pontos de referencia naturaes, será preciso arranjá-los, mas de modo a não despertar a atenção do inimigo. Devem-se deixar nas obras os dados relativos ás distâncias avaliadas ou medidas — de preferencia em croquis perspectivos. Estes devem dar tambem informações sobre os terrenos proximos á posição, mesmo quando não sejam vistos.

Mascaramento da posição

282. As posições fortificadas furtam-se melhor ás vistas inimigas, quando, por sua forma e suas linhas, se adaptarem o mais possivel ao terreno.

As proximidades das estradas, dos cortes e taludes ingremes, dos edificios e demais accidentes que facilitem o tiro ao inimigo, são prejudiciaes. As obras de fortificação, as posições de flanqueamento e as destinadas ás metralhadoras, bem como as defezas accessorias, devem ficar occultas ás vistas inimigas o mais longo tempo possivel.

Os angulos muito agudos, os cantos e as linhas extensas devem ser evitados.

As coberturas do terreno, quer na posição, quer atraz della, devem ser conservadas, desde que occultem os movimentos das tropas, ás vistas inimigas.

283. As terras revolvidas de fresco devem ser novamente cobertas com o revestimento do terreno das cercanias. Nas proximidades das obras sobre que pairarem duvidas se ficarão promptas até a chegada do inimigo, deve-se collocar o revestimento suficiente para, em pouco tempo, tornal-as irreconhecíveis.

Deve-se poupar o mais possível o revestimento do terreno nas *cercanias imediatas* das obras de defeza. Mas quando elle denuncie, por si mesmo, a obra feita, é conveniente dar a todo o terreno das proximidades uma igual apparencia, pizando ou arrancando o revestimento.

285. Deve-se occultar ás vistas inimigas, com especial cuidado, as cabeças dos homens que formam as guarnições das trincheiras.

Emprega-se, para isso, segundo os terrenos circunscritos, grama, matto rasteiro, pequenos ramos, etc., os quaes se plantam irregularmente sobre o parapeito e em frente aos atiradores, de modo a não despertar para elles a attenção do inimigo. Se as cabeças dos atiradores se erguem contra um fundo de terreno claro, este deve ser coberto tambem.

CONSTRUÇÃO DAS OBRAS

Trincheiras

287. As trincheiras profundas e estreitas são as que offerecem melhor protecção, sobretudo contra o fogo de artilharia.

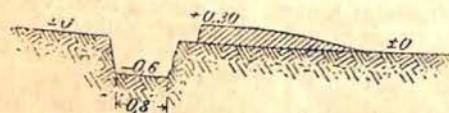


Fig. 1

Si se quer reforçar, só passageiramente, os acidentes do terreno (nas guardas de retaguarda, nos postos avançados, nas posições destacadas ou no correr do combate), bastam, o mais das vezes—*trincheiras para atiradores de joelho*. Ellas são construídas mesmo sob a acção dos fogos inimigos e na falta de tempo ou nos terrenos desfavoraveis servem como *auxilio de occasião*. (Fig. 1 e 2).

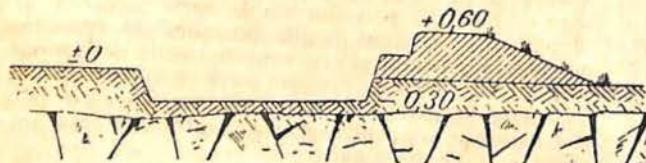


Fig. 2

Desde que seja possível, constroem-se as *trincheiras para atiradores de pé*. (Fig. 3). Quando se dispõe de tempo, deve-se transformal-as depois em *trincheiras reforçadas*, (Fig. 4) que permitem o movimento dos homens a coberto das vistas inimigas.

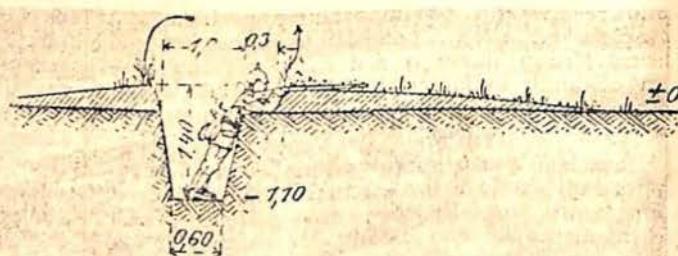


Fig. 3

288. Quando a ocupação da trincheira se der em linhas densas, deve-se contar, na linha de fogo, com um passo para cada homem.

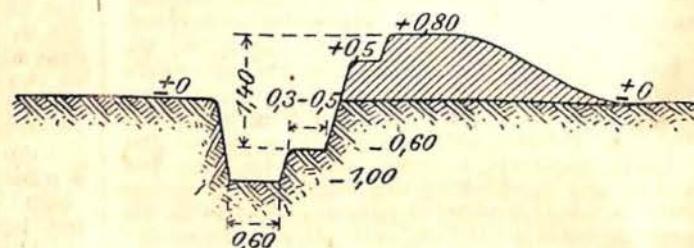


Fig. 4

O apoio da arma deve-se achar, para atiradores de pé, a 1,30 do fundo da trincheira, e para atiradores de joelho, a 0,85.

O que deve preponderar na escolha da altura a dar á crista de fogo é a consideração de *bom efecto do fogo*. Para furtar a trincheira o mais possível ás vistas inimigas, deve-se fazer o parapeito tão baixo quanto o permittam a vegetação, a forma e a natureza do terreno.

290. Contra os fogos obliquos e de enfiada, empregam-se os *travezes*, os quaes limitam os efeitos lateraes dos projectis de artilharia e das granadas de mão, que arrebentarem nas proximidades da posição. (Fig. 5 e 6).

Elles são, por isso, sempre recommendaveis, e se prestam a garantir uma tenaz resistencia. Podem ser substituidos, algumas vezes, pela construcção da trincheira com um traçado em forma de *dente de serra*, (Fig. 7) completada sua protecção por meio de degraus no parapeito. (Fig 8 e 9)

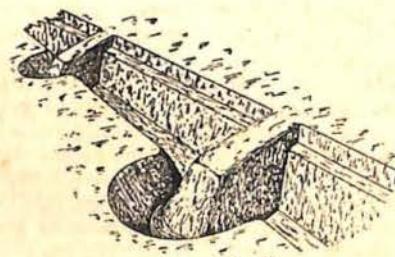


Fig. 5

Reserva-se habitualmente, desde o começo da construcção da trincheira, o terreno destinado aos travezes, mas elles podem ser feitos tambem depois com o auxilio de saccos de arêa, caixões, cestos, bar-



Fig. 6

ris, etc., que se enchem de terra, cascalho, ou pedaços de pedra.

291. Os travezes são feitos perpendicularmente à linha de fogo, com uma largura de 0,15m e com comprimento tal, que proteja a trincheira em toda sua extensão. O coroamento do travez cahe em declividade para traz, de modo a não ser elle visto pelo inimigo. Os declives laterais devem ser mantidos o mais de pé possível.

Para a locomoção dos homens, basta, a principio, um caminho de 0,10m.

Mais tarde, porém, é preciso elevar-o no mínimo a 0,15m.

292. O intervallo entre dois travezes consecutivos eleva-se a cerca de 8 a 10 m.

Nas trincheiras construidas especialmente contra fogos obliquos e de enfiada, os intervallos devem ser menores.

Maneira de construir

E' vantajoso que o chefe do batalhão e os commandantes de companhias, para melhor unidade de acção, determinem conjuntamente a situação das trincheiras e, com a cooperação de seus respectivos chefes, as obras a construir para emprego eventual das metralhadoras e das peças de que se disporer.

Desde que o tempo ou as condições do combate o permittam, a construção das trincheiras obedece a um traçado previo.

Para indicá-lo no terreno, empregam-se montinhos de terra, pequenos ramos, paos envoltos em papel, etc., ou mesmo homens que dêem o alinhamento.

O traçado das fortificações que tenham de ser construídas provavelmente á noite, ou com tempo neblinoso, deve ser assignalado com especial clareza, de modo a ser reconhecível facilmente e excluir a possibilidade de qualquer erro (bandeira de papel branco, fitas de pano branco, linha de sentinelas, etc.)

303. Os homens levam sempre consigo as armas para o trabalho.

Segundo as circunstâncias, são elles ensarilhadas no local da obra, em fracções ou em pequenos grupos, ou são collocadas imediatamente atraç dos trabalhadores; tanto a boca como as culatras das armas devem estar protegidas contra a acção do tempo e dos elementos que as possam prejudicar.

O equipamento quando deva ser levado para o

trabalho, fica junto as respectivas armas.

304. Se a construção das obras não é de prever seja perturbada pelo inimigo — como na organização das linhas de defesa, que são asseguradas por outras forças — então a tropa pode ser previamente dividida e provida dos instrumentos de sapa, de modo a realizar um conveniente trabalho de conjunto, rápido e uniformemente, garantindo a maior somma de vantagens possíveis.

305. No ambito da companhia, separam-se, por pelotões, os homens providos dos mesmos instrumentos de sapa; dividem-se, depois, em grupos, os homens que não disponham de instrumentos, fornecendo-se, em caso de necessidade, a alguns d'elles, pá, machadinhas e alviões, para:

- preparação do terreno em frente á obra e determinação das distâncias;
- reunião de revestimentos para coberturas dos taludes e mascaramento da obra.

E, em caso de necessidade, para:

- acquisição de instrumentos de sapa e material de construção;
- preparação da alimentação e condução da agua para beber.

Os homens desponíveis formam uma reserva para substituição dos empenhados no trabalho.

306. Desde que o commandante da companhia, com os chefes dos pelotões e alguns homens, deter-



Fig. 7

minou para cada trincheira, os limites dos pelotões e a natureza da obra, bem como a altura da linha de fogo — travezes, revestimento da parte posterior das obras, etc., os homens que possuem pá estendem por pelotões em atiradores, com intervallo de um passo, na linha indicada, dividem entre si o terreno uniformemente, deixando livres os logares indicados pelo commandante do pelotão para a construção dos travezes, e começam a cavar.

Cada homem introduz a pá na terra, diante de si e abre um estreito rego para assignalar a crista do parapeito, até ao talhão do visinho da direita. Depois elle cava em profundidade o mais depressa que pode, e forma em primeiro lugar um apoio para a arma.

Se o terreno é duro ou coberto de grama, deve ser cavado a principio em grandes pedaços, que se porão de lado, para com elles formar o talude exterior do parapeito, ou mascarar a trincheira.

Em caso de necessidade, os commandantes de pelotões fazem intervir homens com alviões. Para o trabalho em terreno rochoso, utilizam-se alviões grandes, alavancas, etc.

Desde que cada homem conclui para si uma cobertura que lhe permitta o tiro de joelho, prolonga então a trincheira para a direita, de modo que se forme um parapeito contínuo, no talhão indicado. O terreno dos travezes fica intacto, cavando-se depois os caminhos que os contornam.

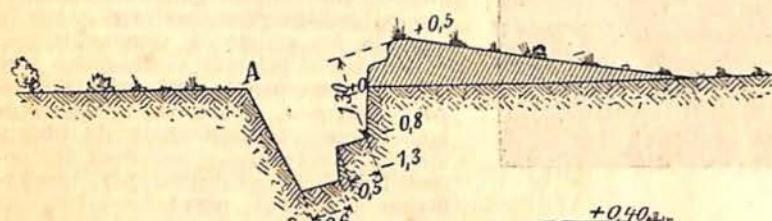


Fig. 8

Os commandantes de esquadras cuidam do conveniente e rápido trabalho de seus homens, da exactidão de todas as medidas, das dimensões dos taludes e da preparação dos travezes. Mascaram as trincheiras de modo a tornal-as irreconhecíveis à distância e dão parte, ao commandante do pelotão, das dificuldades especiais que venham a surgir, como por exemplo: lençol d'água, etc.

O commandante do pelotão toma as medidas preparatórias para o combate de sua unidade. Elle vela pelo regular andamento do trabalho, fazendo reforçar ou substituir as esquadras no serviço, conforme as dificuldades que o terreno for apresentando.

O commandante da companhia vigia a ultimação e eventual reforçamento da posição fortificada, no âmbito de sua companhia.

308. Após a conclusão dos trabalhos, exercita-se a tropa na ocupação das trincheiras, tornam-se conhecidas as distâncias aos pontos principais do terreno e indica-se aos pelotões a maneira pratica por que se devem aproveitar as coberturas e como se devem os homens dispor nas trincheiras. *E' preciso frisar bem a toda a tropa que a ninguem é permitido se mostrar ao inimigo, antes da abertura do fogo.*

309. Si se prevê a possibilidade de um ataque inimigo durante o trabalho (como se dá em regra na offensiva e algumas vezes mesmo na defensiva) na construção de uma obra durante o dia a companhia toma primeiramente posição para o combate e começa em seguida a se entrincheirar. Os instrumentos de sapa devem ser repartidos uniformemente por toda a linha. Quanto aos detalhes dos trabalhos, serão ordenados pelos chefes subalternos, de acordo com as condições locaes.

Desde que a situação do combate o permitta ou quando se torne necessário, pode-se posteriormente executar os trabalhos previstos no art. 305. Os homens empregados no trabalho devem se achar sempre promptos a passar ao combate.

310. Si se tem de fortificar o terreno sob o fogo inimigo, o atirador, na posição deitada, trata primeiro de formar um abrigo individual. Quando, porém, se

dispõe de tempo e as condições da luta o exigem, trata-se de ligar os abrigos, pouco a pouco, uns aos outros, de modo a formar uma obra contínua, dando logo assim a uma trincheira para atiradores de joelho e depois para atiradores de pé. Para alcançar isso, os atiradores passam na linha as pás de mão em mão.

O atirador deitado cava em sua frente ou proximo a seu lado um buraco, no qual se mette, enquanto o vizinho responde ao fogo inimigo. Elle coloca a primeira terra retirada em frente ao buraco, formando assim um apoio para a arma.

Esse apoio é depois prolongado para um lado e para outro e reforça do em seguida. A fig. 10 oferece um exemplo do que fica dito.

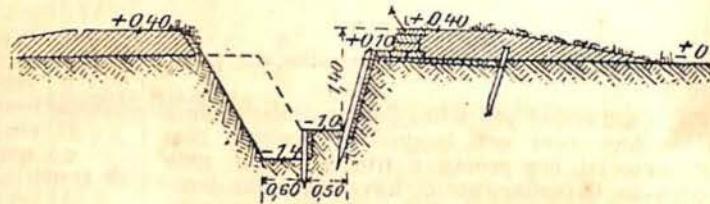


Fig. 9

311. Para a preparação de entrincheiramentos á noite e nas proximidades do inimigo, nos casos em que as disposições previstas no art. 309 pareçam não ser exequíveis, aproveitando-se o crepúsculo, enviam-se para a frente patrulhas de officiaes, fazendo-as preceder, em caso de necessidade, por alguma força para o serviço de segurança. Essas patrulhas reconhecem, com precisão, a posição em que se deve construir a obra, assinalando-a de modo a ser facil-



Fig. 10

mente encontrada, quer por meio de algumas sentinelas que dêem o alinhamento da trincheira, quer por meio de signaes, comunicando para a rectaguarda a terminação desse serviço. Os caminhos de approximação devem ser assinalados de maneira semelhante.

E' precisa a maxima cautela no emprego das lanternas e das lampadas electricas.

Nas proximidades immediatas do inimigo e para não lhe despertar a atenção é recomendável não

enviar patrulhas para a frente, afim de marcar o alinhamento das obras. A tropa deve por isso estar exercitada em attingir, na escuridão, com toda segurança, uma posição demarcada ainda com dia, servindo-se para isso de linhas de referencia do terreno, das estrelas, da bussola, etc., e em se entrincheirar na frente estabelecida.

Todo ruido desnecessario deve ser evitado.

1.º Tenente E. Leitão de Carvalho.

O Regulamento de Exercícios para a Infantaria de 17 de Janeiro de 1912

(Continuação)

Ha alguma vantagem nessa dualidade de vozes de commando para a obtenção de um mesmo fim? Certamente não.

Seria mais consentâneo com o espírito do proprio Regulamento, que prescreve *formas simples* e diz que *na guerra só dá resultado o que é simples* e reduz na ordem unida os exercícios ao — *estrictamente necessário*, que para um facto uma só voz de commando houvesse.

Não seria mais lógico que a condicional do n.º 31 estivesse de acordo com o prescripto nos ns. 29 e 30?

E' este um dos pontos em que nos afastamos do regulamento alemão, que emprega a palavra *Stillgestanden* como voz de commando — para se tomar a posição base — *Grund-stellung*.

Poder-se-ia dizer talvez mais de acordo com o espírito do regulamento:

Si for dada a voz de advertencia, sem que antes se tenha mandado SENTIDO! o soldado por si mesmo tomará a posição de FIRME!

No n.º 32. — *Descançar*, encontramos: « A' essa voz o soldado leva um dos pés um pouco para a frente, conservando o outro na linha, etc. »

O Regulamento deixa assim á vontade dos soldados a escolha do pé que se deve levar um pouco á frente. Neste ponto nos afastamos por completo do original alemão. Não percebemos as causas que dictaram tal modificação, que não se entraiza em nossas tradições, pois que nossos anteriores regulamentos não a consignam e se contrapõe ainda ao espírito do proprio Regulamento.

Sinão vejamos.

O regulamento alemão prescreve sob n.º 17: *Ruhrt Euch* (descansar). «Leva-se pri-

meiramente o pé esquerdo á frente. Permite-se ao homem mover-se, mas não pode falar sem permissão».

O nosso regulamento de 1903 (Imprensa Nacional 1907) faz retirar — «o pé direito — 0,15 m, cahindo o peso do corpo quasi todo sobre a perna direita», etc.

E' portanto uma introducção estranha a nós e ao regulamento alemão, origem do nosso, e que não sabemos donde provem.

E está em oposição ao espírito do Regulamento, porque este prescreve no n.º 7: «A guerra exige uma disciplina perfeita e o concurso de todas as energias. A disciplina é a vida do exercito; é ella que na guerra faz com que todos se movam e luctem de acordo para o mesmo fim».

Ora, a *ordem unida* é uma admirável escola de disciplina, durante muito tempo a unica de que se serviram os exercitos, e ainda hoje aconselhada pelos alemães, de quem estamos em bôa hora adoptando os regulamentos e a doutrina que os anima.

A disciplina tem por base a subordinação e esta, dizem os alemães, *consiste na abdicação da propria vontade para se submeter á vontade dos superiores*.

Nada exige uma subordinação mais immediata e resoluta do que os movimentos da ordem unida, especialmente o manejo d'arma, onde, á voz de commando imperiosa e curta, se deve seguir imediatamente o movimento vigoroso e preciso, como se commandante e tropa formassem um só corpo; e por isso mesmo, é essa uma preziosa escola de disciplina para o corpo e para o espírito.

Deixar ao soldado a escolha, a preferencia dos movimentos impostos por voz de commando na ordem unida, é fazê-lo vacilar na execução que deve ser imediata, sem que isso traga á tropa nenhuma vantagem.

Si o fim é permitir que o soldado descanse sobre qualquer pé — e as nossas paradas, guardas de honra e funeraes, tão frequentes quão demorados, o exigem — porque não seguimos o prescripto no regulamento alemão, que coincide com as nossas tradições, dizendo, por exemplo:

DESCANÇAR. — A essa voz o soldado leva o pé esquerdo um pouco para a frente, podendo depois substituir-o pelo direito, de forma que o peso do corpo venha a cair sobre qualquer dos pés. Fica dispensado de conser-

*var a immobildade e a correcção de atti-
tude... A' voz SENTIDO! o soldado retoma a
posição do n.º 29.*

Levando o pé esquerdo á frente, ha-
inda a vantagem de não deslocar a arma,
o que se daria na passagem do pé direito,
indo assim de encontro ao determinado no
n.º 49, que diz: «A' voz de *descançar* a
arma conserva-se na mesma posição, e só-
mente á voz — *A vontade!* ella pôde ser
deslocada, devendo, porém, ficar sempre
apoizada ao terreno».

Além disso a posição de descansar o
deixa naturalmente de ser, si nella se per-
manece por muito tempo. O descanso pro-
vem ahi, sobretudo, da *mudança de uma
posição a outra*, mas desde que nesta se
permanece, o cançao sobrevem.

Vejamos a voz — *a vontade!* do fim
do n.º 32. Essa sim é nossa e passou de
regulamentos anteriores. Os allemães não
a têm. São mais praticos do que nós e
estão nisso mais conformes com o espirito
de seus regulamentos. Si a tropa tem de
permanecer muito tempo parada no mesmo
logar, em vez de lhe permittir *fumar e con-
versar*, mandam ensarilhar armas e põem-
na fóra de forma, dando-lhe assim des-
canço real, que poupa as forças dos ho-
mens, podendo depois delles exigir mais
firmeza e correcção, quando se tornar ne-
cessario.

* *

Tratando das marchas, diz o Regula-
mento no n.º 33: Fazem-se a passo *ordinario*
ou habitual e a passo *sem cadencia*. A pas-
so *ordinario* ou *habitual*. Eis uma duali-
dade de expressão nociva ao Regula-
mento e que lhe não traz nenhum esclare-
cimento novo.

O que é o passo *ordinario*, explica o
R. I. em seu n.º 34, dando-lhe as caracte-
rísticas—velocidade e grandeza. No decor-
rer de toda a I Parte só uma vez encon-
tramos a palavra *habitual* qualificando o
passo (179, couversões) e em condições
perfeitamente dispensaveis. Tudo isso nos
faz crer que o adjetivo *habitual* só foi em-
pregado para mostrar que o passo *ordinario*
é com que se marcha habitualmente. Ora,
o passo de uso mais *communum* na marcha é
o *sem cadencia*, porque é com elle — e só
com elle — que se fazem as grandes mar-
chas.

A primeira condição a que deve satis-
fazer um regulamento é, servindo-se das

formas puras da linguagem, ser claro e
não deixar lugar a dubiedades de sentido.

Ora a synonimia em questão longe de
trazer clareza, provoca desuniformidade
na instrucção.

Si as duas expressões são equivalentes,
e o Regulamento o consigna, podem ser
indistinctamente empregadas.

Por exemplo: admittamos uma compa-
nhia marchando *sem cadencia* e se lhe quei-
ra restabelecer a cadencia; um capitão
dará a voz — *passo ordinario!* — outro,
passo habitual!

Duas vozes de commando para exprimir
o mesmo facto. E a uniformidade da
instrucção dependendo da vontade de quem
commanda. O Regulamento não deve pres-
crever formas superfluas; tem que ser taxati-
vo.

—

Um outro facto tem trazido á tropa
divergencias de opiniões, concretizadas em
execuções tambem diversas, e que se tor-
nam flagrantes pela desuniformidade que
produzem, as vezes no mesmo corpo: é o
marcar passo.

E essas divergencias de interpretação
provêm da expressão — *figura a marcha* —
de que se serve o Regulamento.

Diz o n.º 35: *Marcar passo*. “Si o sol-
dado está parado — *figura a marcha* — sem
avançar, sem levantar muito os joelhos,
etc.”

O regulamento allemão diz: “o homem
pisa (*tritt*) sem levantar muito a perna ou o
joelho, e sem bater no chão, etc.”

Em alguns corpos o — *figurar a marcha* —
prende-se apenas á cadencia e assim, sem
levar os pés á frente, antes os erguendo e
assentando no chão sem estrépito, figuram
a marcha no mesmo logar.

Qual das duas maneiras está mais con-
forme o Regulamento? Deve-se pisar no
mesmo logar, sómente levantando os pés,
ou é preciso leval-os para frente e para
traz, simulando a marcha?

—

No n.º 39 — *Alto*. “O pé em movi-
mento completa o passo iniciado, e o outro
vai unir-se-lhe com vivacidade.”

Si se quer que toda a companhia faça
alto a um só tempo, difficilmente se conse-
grirá por esse processo. Entre a voz de
— *alto* — e a execução não mediando tem-
po algum, a força que marcha em passo
ordinario, impulsionada pela cadencia, não

sustará promptamente o movimento, parando todos os homens ao mesmo tempo. E' o que a pratica nos mostra. Ha sempre alguns homens que dão ainda um, dois passos, produzindo um espectaculo muito pouco militar.

Si considerarmos ainda que, na marcha com arma, o Regulamento manda que o — *alto* — seja feito simultaneamente com o *descançar arma*, mais patente se torna a necessidade de fazer mediar, entre a voz de commando e a execução, um espaço de tempo limitado, que permitta a simultaneidade dos movimentos em toda a companhia.

O regulamento alemão, do qual divergimos neste ponto, determina: "a voz de execução dá-se ao assentar no chão o pé direito. O esquerdo vai á frente, complementando a marcha e o direito une-se a elle com vivacidade."

Na infantaria alemã a voz de *alto* não implica as simultaneidades com o — *descançar arma* — e, todavia, para se obter essa uniforme execução do *alto*, em toda a tropa, adoptou-se esse meio, que dá seguro resultado.

A nós elle se impunha, pois amarramos esses dois movimentos, afeiando a tropa, mesmo a melhor instruída, com os frouxos e imprecisos movimentos a que elle dá lugar, só para poupar aos officiaes, cuja função é commandar, uma voz de commando.

—

No n.º 42 — *Marche-marche*, encontramos: ... d'ahi passarão para o passo sem cadencia á voz — *Ao passo ou estacionarão á voz Alto.*"

Deixando de lado a propriedade com que ahi se emprega o verbo *estacionar* no sentido de *parar*, de suspender a marcha, vejamos a maneira de determinar a cadencia.

Porque dizer *ao passo*, que indica uma andadura da cavallaria e não — *passo ordinario* — e depois — *sem cadencia* — como anteriormente prescreve o proprio Regulamento?

Voltas

Tratando das voltas a pé firme e em marcha, o Regulamento conserva para a *meia-volta* a pé firme, o que determina o regulamento alemão e, para a *direita-volver* e *esquerda-volver*, prescreveu outros movimentos, fazendo o peso do corpo

cahir — na *direita-volver*, por exemplo, sobre o calcanhar direito, o movimento produzido pela planta do pé esquerdo. Para a *esquerda-volver*, o contrario.

Isso simplifica de facto os movimentos tornando sua execução mais facil do que o prescripto no regulamento alemão. Na *meia-volta*, conserva as prescrições desse ultimo.

Nas *voltas* em marcha o Regulamento afasta-se completamente do alemão e, parece-nos, da maneira a mais infeliz, dando logar a movimentos impraticaveis.

Assim, na *direita-volver*, o Regulamento manda dar a voz de execução ao assentar em terra o pé direito, fazendo a rotação sobre a planta deste, dando o passo seguinte, já na nova direcção, com o pé esquerdo.

Analysemos: ao se dar a voz de comando o pé direito vem de assentar em terra e o esquerdo vai se levantar. Como o movimento tem de ser feito sobre a planta do pé direito, o esquerdo tem de descrever, um arco de 270.º, para poder dar o passo já na nova direcção (direita), o que não é facil supondo o homem parado e o que é muito difficult se levarmos em conta a impulso que o corpo traz da marcha em que está. Si cogitarmos agora da *volla* feita o soldado armado e equipado, chegamos a verdadeira impraticabilidade do movimento.

A pratica diaria nos exercícios é que nol-o tem mostrado, e por isso os corpos vão adoptando outros meios que julgam mais proprios para obter o mesmo fim.

Ora, tudo isso desapareceria se tivessemos permanecido no que prescreve o regulamento alemão, que diz: "A' voz de execução é dada ao assentar o pé direito.

O homem ao dar o passo seguinte volve á direita sobre a planta do pé esquerdo, prosseguindo a marcha na nova direcção".

Quer dizer, o movimento se opéra sobre o pé exterior e mais avançado, que gira no mesmo logar, enquanto que o passo na nova direcção é dado com o pé *interior* (direi.o) que gira tambem no mesmo logar e que é levado apenas para frente.

Modificando o que prescreve o regulamento alemão, para fazer coisa nossa, como se houvesse algum demerito em aceitá-lo, uma vez que é bom, cahimos nesse absurdo, logo corrigido na *meia-volta*.

De facto, o Regulamento manda, n'este caso, dar a voz de execução ao assentar o

pé esquerdo e dar *mais um passo com o pé direito* e girar vivamente pela esquerda, sobre as plantas dos dois pés, até mudar a frente para a retaguarda.

Vemos, assim, que não seguimos um criterio *uno* que é a caracteristica do regulamento allemão.

Para o alto não subordinamos a voz de commando ao movimento de assentar o pé direito, podendo ser dada qualquer que seja o pé que vai na frente, o que só podia ter sido dictado pela preocupação de poupar ao official, ou a quem comande, a obrigação de olhar, primeiro, os pés dos homens, antes de dar a voz. Mas, contrariando esse mesmo criterio, viemos adoptar o repudiado na — *meia-volta* em marcha, abandonando-o, em parte, na *direita-volver* (esquerda) onde era de indispensável necessidade.

(Continua)

Leituras

O concurso de tiro collectivo na IX Região

Antes de fazer ligeiros commentarios aos tiros de combate de infantaria, realizados em Santa Cruz nos dias 12 e 13 de Dezembro ultimo, pedimos licença para felicitar o Sr. General Antonio Geraldo de Souza Aguiar pelo resultado da sua proficia iniciativa em prol da efficiencia militar das tropas da IX Região.

Ou porque entre nós o sentimento de honestade profissional seja pouco cultivado, ou porque não se exerce sobre a instrucção uma constante fiscalisação disciplinar, é impossivel confiar que os regulamentos sejam cumpridos pelo simples facto de terem sido decretados e mandados adoptar. Instrue seus soldados quem quer e cada um cumple os regulamentos como melhor lhe parece, abandonando aquelle assumpto ou desenvolvendo este, ao sabor das suas inclinações e dos seus desejos. Esta originalidade em que os exames ou as inspecções significarem de facto um meio de apurar as responsabilidades dos officiaes que commandam. Até chegar esse dia, que não deve estar muito longe, tal é a febre reinante de reformas moraes, precisamos recorrer a outros recursos para excitar a actividade de espíritos amolecidos em longos annos de estagnação phisica e mental.

Atirando um contra outro, numa lucta fértila, brigadas, regimentos, batalhões, grupos, companhias, esquadrões e baterias, o illustré divisionario, que dirige a mais importante circunscripção militar da Republica, concebeu um meio inteligente de entusiasmar os officiaes pelo prepero dos seus soldados.

Os concursos, que com tanto ardor foram disputados o anno passado, não satisfariam o fim para que foram instituidos si a conquista do premios coroasse apenas a obtenção de um determinado resultado material — minimo de tempo nos certamens de marcha, maximo de impactos nos certamens de tiro.

Os programmas para essas provas foram organizados de modo que para o julgamento final servisse tambem de criterio a conducta dos concurrentes em face dos regulamentos em vigor. Desta arte esses abandonados regulamentos lograram um pouco de attenção e meia hora de estudo.

Acompanhamos com especial interesse o concurso de tiro collectivo e desses douis dias vividos numa estreita e cordeal camaradagem, guardaremos para sempre as melhores recordações.

Não será porém, fóra de propósito lamentar aqui a pouca ou melhor a nenhuma curiosidade que esse concurso despertou fóra dos regimentos e dos batalhões interessados na prova.

Em Santa Cruz realizou-se naquelle dia um acontecimento que pode, sem exagero, ficar registrado na historia do Exercito, pois pela primeira vez se executou um tiro de combate de acordo com methodos de direcção e disciplina de fogo, até então desconhecidos no Brazil. Não seria pois uma grande exigencia contar que ao nosso campo de instrucção, affluissem muitos officiaes de infantaria, officiaes superiores de todas as armas e generaes, a quem poucas oportunidades se offerecem de uma demonstração tão util.

Dignos de grandes louvores são os commandantes dos pelotões que se apresentaram ao concurso, pelo enorme esforço que empregaram no adextramento de suas unidades, cujo aspecto marcial e excellente disposição moral e phisica foi tambem um indicio do seu elevado grão de disciplina.

O programma do campeonato de tiro de combate — si nos permittem o titulo — foi organizado, como é aliás acertado fazer para as primeiras provas, nas condições mais facéis.

Na guerra, dada a excitação que produz a approximação do inimigo e a depressão organica dos atiradores na ultima phase do combate, a efficacia do tiro collectivo, deve diminuir ás pequenas distancias mas, em tempo de paz, é ás essas distancias que se deve obter a efficacia maxima.

Os concurrentes foram favorecidos não só pela distancia como pela natureza do terreno — um plano extenso, sem a menor dobra e coberto de uma vegetação rasteira. Estas circumstancias compensavam francamente a desvantagem de se ter escolhido o mais difícil dos objectivos — uma linha de atiradores deitados.

Precedamos a nossa critica de algumas observações preliminares.

Será muito conveniente que para os proximos concursos se instale o objectivo com antecedencia e que nas suas proximidades seja construído um abrigo de onde os marcadores possam fazer apparecer e desapparecer os alvos quando o director der o signal convencionado.

Desta vez essa instalção foi feita em presença dos concurrentes que puderam assim com tempo avaliar a distancia e este factor de julgamento da direcção do fogo falliu completamente.

Convém também que cada fracção chegue ao terreno da prova nas proximidades do momento em que tiver de atirar ou no caso em que todos cheguem ao mesmo tempo, que as fracções que não tiverem de atirar logo façam alto a mais de 200 metros da linha de bandeiras, ensarilhem armas e retirem os mochilas.

Os pelotões de Caçadores assim procederam, mas os pelotões dos Regimentos ficaram em forma, de arma na mão, até que lhes chegou a vez de atirar. E' preciso ligar a esses detalhes, pelos quais nós temos uma tendência a ser muito descuidados, a devida importância, pois a fadiga inutil da tropa prejudica a sua eficiência de combate e como princípio educativo não devemos desprezar em tempo de paz a rigorosa observância de todos os preceitos para a guerra.

No primeiro dia do concurso quando, atiraram os pelotões do 1º e 2º Regimentos, a direcção não formulou um tema, lacuna esta que foi preenchida para os pelotões do 3º Regimento e da brigada mixta, como adeante veremos.

Nos exercícios de tiro de combate deve haver sempre uma idéa tática por mais simples que seja, pois só assim será possível verificar si os commandantes das unidades que atiram sabem apropriar a uma situação concreta as regras de direcção de fogo. Se os exercícios de tiro de combate se realizam collocando a tropa em posição de tiro e mandando seccamente fazer fogo, como num stand, será possível constatar apenas a execução técnica do tiro e não é este o objectivo principal dessa importantíssima parte da instrução (R. T. I. cifras 95, 96, 165, 166 e 167).

Não podemos, infelizmente dizer que tivesse sido boa a impressão que nos deixou o desenvolvimento em atiradores dos pelotões de Deodoro.

A passagem da ordem unida á ordem dispersa fez-se um silêncio mas sem a devida rapidez e a attitude dos atiradores em marcha devia ter sido objecto de rigorosa crítica de parte das autoridades presentes. A preocupação que dominava todos aqueles homens, deslocando-se no terreno de combate, era, como se estivessem no pateo da caserna, o eterno alinhamento, cabendo a culpa desse erro, cuja gravidade não tememos exagerar, aos inferiores que se esguejavam mandando olhar á direita!

O R. E. I. tratando deste assunto diz que na linha de atiradores não se deve exigir uma estricte observância na igualdade dos intervalos e dos alinhamentos

A palavra alinhamento deve ser proscripta do capítulo — Ordem aberta — do Regulamento de Exercício para a Infantaria e nós precisamos, por um intenso trabalho, fazer entrar nos reflexos dos nossos homens a noção de direcção.

O Regulamento de Exercícios já estabelece que se indique a base e a direcção. A fila (esquadra) base, uma vez em movimento, só tem de seguir para a frente na direcção do ponto designado; as filas (esquadras) contíguas devem escolher no terreno pontos de referência em relação á base, e se todos se deslocarem orientados desta forma não haverá a temer desvios na marcha.

Nenhum dos commandantes de pelotão da Villa Militar indicou ás suas fracções um ponto de direcção e no entretanto o fundo da paisagem era rico dos mais adequados reparos:

a torre branca de uma igreja, moitas de arvores, arvores isoladas, etc. Ali está a prova inconclusa de quanto ainda é precária a nossa instrução de combate e do muito que precisamos fazer para emancipar os nossos officiaes e inferiores dos preconceitos das velhas «ordenanças».

Já tinhamos em outras ocasiões observado, e desta feita o espectáculo nos pareceu mais ridículo, o facto dos nossos soldados abaixarem a cabeça e curvarem o corpo quando marcham extendidos em atiradores. O efecto é contraproducente si por este meio se procura diminuir as perdas. Tal attitude do corpo diminue a rapidez da marcha e aumenta o tempo em que a linha de atiradores fica inutilmente exposta aos tiros do adversário. Os terrenos descobertos devem ser atravessados na carreira quando é preciso ganhar as posições de tiro, e os pequenos deslocamento de uma linha de atiradores devem neste caso ser feitos de rastro.

Relativamente á conducta e á posição do commandante de pelotão na linha de fogo precisamos ser igualmente implacaveis pois o que assistimos no primeiro dia do concurso não se deve mais reproduzir.

Commandante de pelotão houve que deixou a sua unidade á retaguarda e foi acompanhado dos seus apreciadores de distâncias, munidos de duas enormes bandeiras, até adeante da posição de tiro, para d'ahi então, por meio de signaes macabros, fazer extender e avançar. Depois, sem esperar que o pelotão avançasse até seu commandante, foi este que retrocedeu até o pelotão para, de pé, mandar em posição! e abrir fogo.

Casos ha em que o commandante do pelotão se afasta da sua unidade para receber instruções do commandante da companhia ou para de uma posição coberta (as proximidades da orla de um bosque, por exemplo.) reconhecer a zona onde terá de avançar. Em taes circunstancias o commandante de pelotão, do lugar em que se achar, poderá fazer signaes ao pelotão para que avance, mas isto não acontecerá em terrenos extensamente descobertos como o campo do Jacarehy e a uma distancia do inimigo inferior a 500 metros.

Outros commandantes de pelotão avançaram na ala direita dos atiradores, velando pelo indefectível alinhamento, e quando o pelotão tomou posição para atirar ficaram á retaguarda emitindo de pé as suas ordens de fogo. No R. T. I (cifra 139) está escrito: «A escolha do lugar a ocupar pelo chefe na linha de atiradores é de capital importância para a direcção do togo. Nos exercícios de tiro de combate os chefes devem dirigir o fogo do lugar que elles deveriam ocupar num combate real.»

Convém insistir em todos os exercícios de combate para que os commandantes de pelotão adquiram maior desembaraço e saltem rapidamente para a frente da linha de atiradores não tendo outra preocupação que o adversário e o terreno onde devem escolher a posição de tiro. E' inadmissivel que os commandantes de pelotão se voltem constantemente para atraz preocupados com que seus homens não se desviem quando estes devem estar instruidos para seguir o commandante de pelotão através de todos os obstaculos.

A posição de tiro preferida pelos pelotões de Deodoro foi a de joelhos, quando a 400 metros do adversário e em terreno descoberto é ver-

dadeiramente singular que ainda se possa discutir a conveniencia de atirar deitado. A razão daquella preferencia porém não era de ordem technica nem tactica. Verificamos que na posição de «atirador deitado», os homens por falta de habito e principalmente de exercícios de pontaria em secco, assestavam mal os fuzis dando assim logar a impactos curtos, muitos mesmo na boca da arma.

A «direcção» do concurso permitiu que os soldados atirassem com a arma apoiada sobre a mochila. Quando a infantaria ocupa uma posição defensiva ou quando o combate offensivo tende a estacionar, na luta pela manutenção das «posições de apoio», é aceitável que assim se proceda. A distancia de 400 metros, na eminencia do attaque á bayoneta este recurso é impraticavel. Se á essa distancia o attacante ainda é obrigado a conservar-se em posição a espera de reforços ou de uma attenuação do fogo inimigo para continuar a avançar, então é preferil que os homens se sirvam da pá para cavar um monticulo de terra que os proteja e dê um apoio a sua arma. No entretanto nos exercícios de tempo de paz é de aconselhar, quando se quer verificar se os homens apontam bem e si o fogo está regularmente distribuido, que se ordene uma pausa e se assestem os fuzis sobre as mochilas. Não transformemos porém um recurso de instrução num processo regular de combate. A permissão concedida aos atiradores para assestarem a arma sobre a mochila foi apenas um artificio empregado para melhorar os resultados do tiro, o que infringiu a cifra 148 do R. T. I:

«Em caso algum se deve procurar melhorar os resultados empregando meios inexequiveis no campo de batalha ou não correspondentes á guerra».

Quasi todos os pelotões do 1º e 2º Regimento extenderam e avançaram com as armas des carregadas executando essa operação quando já se achavam em posição de tiro, o que determinou um sensivel atraso na abertura do fogo.

A cifra 230 do R. E. I diz: «Desde que se extende a linha as armas são travadas e as cartucheiras fechadas».

Consideramos esta prescrição superflua e deslocada. Toda a tropa que toma disposições preparatorias para o combate a primeira cousa que tem a fazer é carregar e travar as armas

Isso acontecerá pois quando a columna de marcha se desdobrar e porconseguinte antes do desenvolvimento em atiradores.

Quanto á direcção do fogo (designação do objectivo, avaliação da distancia, determinação da alça, especie de fogo e observação dos seus effeitos) a prova do concurso não permitiu avaliar das aptidões dos commandantes de pelotão por isso que as condições do tiro eram as mais faceis que se podem conceber. Uma vez que o pelotão agia isoladamente contra uma linha de atiradores muito visivel, que lhe ficava directamente em frente, era dispensavel indicar os limites do objectivo a bater, pois não podia haver nenhuma coniússão. A distribuição do fogo era igualmente muito simples, cumprindo apenas a cada atirador bater o alvo que lhe correspondia na linha inimiga.

Uma observação a fazer é que os commandantes de pelotão não estavam verdadeiramente compenetrados dos seus deveres de combate, preocupando-se muito mais com a con-

ducta dos atiradores do que com a observação dos effeitos do fogo. De um modo geral o commandante do pelotão deve-se interessar pela disciplina de fogo mas os commandantes de secção e de esquadra é que devem tomar a si directamente esse encargo, sendo de recommendar, pelo menos em tempo de paz, que elles só atirem quando se tiverem certificado da bôa conducta dos atiradores. A preocupação dominante de quem dirige o fogo deve ser o feixe de trajectorias O R. T. I diz na cifra 147 que nos exercícios de tiro de combate não se deve desprezar a observação meticuloza de certos detalhes como o modo de carregar, assestar a arma, accionar o gatilho etc; não será pois fôra de propósito que extranhemos terem alguns homens atirado com a alça deitada e outros com a alça em pé e que dada a voz de levantar e unir, alguns outros tenham conservado aberta a camara dos fusis.

Para pôr á prova a disciplina de fogo devia ter havido mais actividade de parte dos commandantes de pelotão, a quem faltou um pouco de phantasia para emitir certas ordens, modificando as primeiras disposições como, por exemplo, mandar cessar fogo para verificar a ascendencia do commando sobre os homens. Emfim, si a instalação dos alvos fosse mais perfeita e tivesse sido possivel fazel-os desaparecer durante o tiro, teríamos podido julgar da autonomia dos atiradores.

No segundo dia do concurso quando atiraram os pelotões do 3º Regimento e o dos 52, 55 e 56 de Caçadores foi formulado um thema:

«A companhia em combate offensivo, frente para Itagoahy, com dous pelotões (supostos) na linha de fogo. O 3º pelotão de apoio, escalonado no flanco esquerdo, recebe ordem para prolongar a ala esquerda da companhia (indicada por uma bandeirola branca).»

Os pelotões do 3º Regimento e o do 56 de Caçadores que se achavam em linha, frente para Itagoahy, extenderam imediatamente com intervalos normaes e avançaram quasi todos em lances de pelotão até á posição de tiro. Acerado teria sido que os pelotões imediatamente extendessem e deitassem, disposição esta compativel com o terreno e a definida situação de combate. D'ahi por uma marcha rastejante elles deveriam ganhar uns 10 a 20 metros para então se lançarem num salto até á posição de tiro. Desta forma teria sido possivel acudir promptamente a linha de fogo, sem expor o pelotão a grandes perdas.

Um dos pelotões do 3º Regimento avançou por lances de esquadra. Todos as manifestações de iniciativa devem ser calorosamente festejadas. O official a que nos referimos quiz mostrar o gráo de instrução de sua unidade na utilisação dos processos de combate e porque não louvar esse interesse? Mas convenhamos por outro lado que no Regulamento de Exercícios está dito que «são preferiveis lances grandes para se approximar o mais depressa do inimigo e que os lances por grupos demoram a marcha». Uma companhia a 400 metros do adversario, ameaçada na sua ala, está num momento critico do combate que reclama uma alta potencia de fogo. Ela precisa, no mais curto tempo, dispor de todos os fusis; o pelotão de apoio tem como primeiro dever avançar

o mais rapidamente possível. Esta observação, aproveitamos logo a oportunidade, se aplica ainda com mais força ao commandante do pelotão do 55 de Caçadores que avançou num maior grau de fragmentação, por *meias-esquadras*. Infelizmente nesta resolução é impossível deixar de perceber a influencia das perniciosas theorias francesas sobre os «enxames de atiradores». Os lances por fracções inferiores ao pelotão tem cabimento ás grandes distâncias quando se dispõem de tempo para ganhar cautelosamente o terreno, numa phase do combate em que o adversario está de posse da superioridade do fogo. Uma vez porém que as tropas atacantes conseguem atingir as distâncias efficazes para a abertura do fogo o meio mais facil para continuar a avançar «consiste em lances para á frente de todo o pelotão, bem preparados e sustentados pelos fogos das fracções vizinhas.» (R. E. I II cifra 214).

Os pelotões do 52 e do 55 de Caçadores adoptaram como formação do apoio da columna de esquadras, de joelhos para o 52 e deitada para o 55. O R. E. I II diz na cifra 270:

«O apoio deve amoldar-se ao terreno; a sua formação fica dependendo das condições deste e da efficacia do fogo inimigo.» Toda a formação em columna, em terreno descoberto e a distancia inferior a 1000 metros, constitue um verdadeiro ninho de projectis quer para a infantaria, quer para a artilharia inimiga. Si o terreno offerece porém toda a sorte de coberturas como capões de mattos, vallados, cercas, sebes etc, o apoio deve, por tanto tempo quanto possível, conservar-se em ordem unida, porque desta forma estará sempre na mão do seu chefe o que constitue no combate e com tropas nervosas como as nossas uma precaução de alto alcance.

Dada a situação de combate em que os pelotões agiam e a desprotegida natureza do terreno a formação que convinha era, como já dissemos, a linha de atiradores deitada, que ao menor aceno do commandante da companhia, sem nenhuma formação intermediaria, podia num salto fundir-se na linha de fogo.

A nossa infantaria tem horror a deitar-se e este facto serve de pretexto para que quebremos com uma digressão a monotonia destas observações.

Na batalha de 18 de Agosto uma companhia protegia a artilharia do Príncipe zu Hohenlohe, em posição a nordeste de Habonville. Como os pelotões evoluíssem em duas fileiras, sob uma chuva de balas, irrepreensivelmente, nos intervalos das baterias, o Príncipe ordenou ao capitão que mandasse extender e deitar com um passo de intervalo.

O oficial enrubecendo respondeu que era contra a honra da infantaria deitar-se ou ngáxar-se quando os companheiros da artilharia precisavam guarnecer as suas peças de pé (1). Si esse guapo capitão tivesse conhecido os canhões com escudos, não vacilaria em obedecer á resolução do famoso artilheiro.

O movimento da linha de atiradores e o modo de ocupar a posição de tiro demonstraram que no 3º Regimento e nos Caçadores a

instrução de combate está mais de acordo com o espírito do regulamento.

Os soldados desses corpos moviam-se emancipados do alinhamento, eram mais ageis, sentia-se que marchavam sem automatismo e com a devida comprehensão do quadro de combate.

Não podemos porém nos conformar com que um dos pelotões de caçadores tivesse extendido e marchado com as armas em bandoleira. Quando o Regulamento deixa ao arbitrio do *atirador* o modo de levar a arma tem justamente em vista que este a conduza da maneira mais commoda e mais conveniente para utilizar-a com pres-teza. Se o atirador não precisa de ter as mãos livres é na mão direita que elle deve conduzil-a, mas se precisa das mãos para caminhar de rastros ou desembocar-se dos obstáculos a sua marcha, como acontece ao atravessar o matto, é pendurado ao pescoço ou a tiracolo que melhor convém levá-la.

A arma em bandoleira foi uma decisão descabida, que acreditamos tenha tido apenas por fim apresentar o pelotão com certa originalidade.

Os commandantes de pelotões que se exhibiram no 2º dia do concurso impressionaram agradavelmente pela sua conducta na linha de fogo. Esta apreciação não atinge o irrepreensível commando do pelotão do 56 de Caçadores, pois o official que o dirigiu teve a fortuna de ser instruído e principalmente educado na energetica escola alema. Não podemos porém esconder a satisfação que nos deu a arte de commando dos demais officiaes, por isso que, dada a falta de continuos e systematicos exercícios de tiro de combate, o seu modo de agir foi exclusivamente o resultado de um intelligente esforço pessoal na interpretação dos regulamentos, tanto mais arduo, quanto entre nós não é apenas a demonstração pratica que carece, mas tambem a luz que sempre traz uma critica competente. Se alguma cousa é preciso aconselhar a esse moços é que elles pratiquem insistentemente na designação dos objectivos, na distribuição de fogo, no modo de emitir ordens simples e claras e na observação do feixe de trajectórias. Para isso não basta dirigir pessoalmente o tiro, é preciso também assistir com frequencia os tiros de outras unidades.

Um desses commandantes de pelotão, cujos antecedentes militares nos inspiram a maior sympathia, designou o objectivo—infantaria em frente — eis aqui uma impropriedade que denuncia a falta de habito; tal designação seria admissível para uma bateria. No caso em questão cumpria dizer: em frente uma linha de atiradores.

Esse mesmo official esqueceu de ordenar a especie de fogo e limitou-se a determinar a sua intensidade, mandando — fogo lento! —, com certeza, dominado pela preocupação de tempo de paz de melhorar os resultados da prova. A situação de combate do pelotão reclamava ao contrario um fogo nutritivo e rápido. Se os homens estivessem devidamente instruidos para o combate isto é, se elles soubessem utilizar os seus ruzis autonomia e conscientemente, não teria sido mesmo necessaria a intervenção do commandante do pelotão para regular a intensidade do fogo. Diz a cifra 134 do R. T. I que «os homens devem por iniciativa propria reconhecer e apro-

(1) Freytag von Loringhoven — «O Regulamento de Exercicio, para a Infantaria de 26 Maio de 1906 elucidado pela historia da guerra».

veitar as ocasiões em que é preciso aumentar ou diminuir a intensidade do fogo.»

Num dos pelotões do 3º Regimento o comandante da esquadra mais á direita avisou que seus homens não viam a parte do objectivo que lhes correspondia. O commandante do pelotão ordenou que esta esquadra cruzasse o topo com a esquadra mais á esquerda, depois de ter verificado que a reciprocidade de pontarias era possível. Com ordem, calma e cfareza este incidente foi esclarecido na línia de fogo mas a resolução de cruzar os fogos foi schematica. Neste caso teria sido preferivel ordenar a esquadra mais á direita que se deslocasse até descobrir o objectivo, decisão que devia aliás partir da iniciativa do commandante da esquadra.

O ponto de visada não foi objecto de uma designação especial para a maioria dos pelotões, cujos fusis estavam apontados para o pé do alvo. O commandante do pelotão do 56 de Caçadores ordenou — ponto de visada peito do atirador — Naturalmente esta resolução foi ditada pela necessidade de obviar conhecidos defeitos das armas ou das pontarias-individuais, pois ás pequenas distancias os deslocamentos do ponto de visada alterando apenas insensivelmente o alcance do tiro, não seria este um meio de corrigir um defeito da alça.

As condições meteorologicas do 2º dia do concurso eram diferentes das do dia anterior (temperatura mais elevada vento soprando da esquerda) e de acordo com a cifra 9 do R. T. I dever-se-hia contar com tiros mais longos desviados á direita. A dotação de munição por homem (10 cartuchos) era muito pequena para que os commandantes de pelotão tivessem experimentado outra alça. Naturalmente o grande interesse na obtenção do maior numero de impactos conduziu todos a abrirem desde logo o fogo com a alça da distancia ao em vez de arriscarem alguns cartuchos na verificação de uma alça duvidosa.

Pelo modo porque a tropa executou todos os actos do tiro, e cumpriu todas as ordens, desque os pelotões desenvolveram até que uniram, não foi difícil aos profissionaes verificarem as lacunas da nossa instrucção individual. O modo porque os regulamentos determinam que se executem os movimentos de manejo do fuzil, a attitude do corpo nas diferentes posições, a maneira de passar de uma dessas posições a outra, não representam méras accões convenções, mas resumem os esforços minimos e mais simples para sua regular execução. Não é sem cabimento (como muita gente pensa) levar em conta essa manifestação exterior de disciplina no julgamento do valor combatente de um exercito regular. O carregamento arbitrario da arma, representa uma perda de tempo, o accionamento brusco do gatilho, a pontaria descuidada, o assestamento errado da arma, prejudicam o efecto do tiro isolado, todas essas circunstancia, se outras casualidades não as neutralizam, sommam-se em ultima analyse para diminuir a efficacia do fogo collectivo.

Se os soldados de um pelotão deitado em atiradores, se levantam a vontade e se alguns depois de estarem em pé ainda tem de fechar os ferrolhos e abotoar a tampa das cartocheiras, atrazam o lance e prejudicam desta forma a acção do conjunto que deve ser solidaria e rapida.

Não basta que tenhamos um regulamento em cujo frontespicio está esculpida esta sentença, — *O ensino individual minucioso e severo é a base de toda a educação militar* —, precisamos de facto dar uma importancia muito maior á formação do combatente que ao preparam collectivo de fracções formadas por elementos insuficientes.

O objectivo do concurso de tiro collectivo era uma linha de alvos cabeça constituída de 29 figuras fixas separadas por um intervalo de duas vezes a sua frente e collocada a 400 metros de distancia. Contra esse objectivo atiraram 29 fusis e foram queimados 290 cartuchos. Todos os pelotões empregaram a mesma alça isto é, a da distancia.

Segundo o general Rohne — a primeira autoridade contemporanea no dominio do tiro — dever-se-hia neste caso, *com atiradores medios, obter 12,7 impactos cheios (4,3%) e 2,5 ricochetes, ao todo 15,2 impactos ou 5,2%*. O numero médio de impactos por figura seria assim 0,52 ou que autorisaria a esperar 40,5% ou 11,7 figuras attingidas (2).

A velocidade do tiro (dada a approximação e o gráos de visibilidade do objectivo) devia ser cerca de 7 tiros por homem e por minuto e neste caso seria finalmente de esperar que cada atirador, num minuto, tivesse produzido 0,364 de impactos.

Com estes elementos vamos entrar na apreciação do resultado do concurso que damos na pagina seguinte.

A maioria dos pelotões que disputaram a prova satisfez o que se devia esperar do tiro de uma tropa de valor medio. Observemos de passagem que os pelotões eram constituídos de atiradores escolhidos.

O pelotão do 4º Batalhão obtendo 10,6% de impactos e 68% de figuras attingidas alcançou o que se pôde chamar um resultado excellent, quer no ponto de vista da technica, quer da tactica do tiro. Resultado bom obtiveram os pelotões do 3º, 1º, 5º e 2º Batalhão, sendo que os do 5º e 2º deixaram um pouco a desejar quanto a distribuição do fogo (numero de figuras attingidas.)

O resultado dos pelotões do 6º e do 9º Batalhão pôde ser considerado soffrivel.

Como já vimos o concurso abrangeu dois dias e ficamos embarçados para emitir uma opinião sobre o mao resultado dos pelotões do 7º e 8º Batalhão e bem assim dos pelotões de Caçadores, não sabendo si attribuir-o ao estado meteorologico mais desfavoravel do 2º dia do concurso ou a qualidade de seus atiradores. Preferimos, a vista dos antecedentes desses pelotões, acreditar que a alça do dia era mais curta e que muito projectis, devido ao vento, tivessem escoado pelos intervalos dos alvos.

O exame dos resultados acima extampados faz verdadeiramente lastimar que o 56º e o 52º de Caçadores não obstante um fogo bem dirigido e calmamente executado tivessem obtido por fuzil um pequeno rendimento util (0,16 para o pri-

(2) vide B. E. M. E. de Agosto de 1913 — «Julgamento do resultado no tiro collectivo de combate» Trad. do 1º Tenente Leitão de Carvalho e H. Rohne — «Instrucção do Tiro para a Infantaria» pags. 141 e 213.

Classificação dos Pelotões	BATALHÃO	REGIMENTO	Impactos cheios	RICOCHETES	Somma dos impactos	Figuras attingidas	Duração do fogo	Velocidade de tiro, (número tiros por homem e por minuto)	Número de impactos por homem e por minuto
1	4.º	2.º	28	3	31	20	4',4	7	0,742
2	3.º	1.º	14	4	18	11	2',2	13	0,806
3	1.º	1.º	17	0	17	12	3',7	7	0,406
4	5.º	2.º	15	1	16	10	2',6	11	0,605
5	2.º	1.º	12	3	15	9	2',6	11	0,561
6	6.º	2.º	12	1	13	7	2',7	11	0,484
7	9.º	3.º	10	3	13	11	3',2	9	0,396
8	8.º	3.º	8	2	10	8	2',2	13	0,412
9	52 B. Caç.	—	8	2	10	7	4'	7	0,238
10	7.º	3.º	8	0	8	8	3',3	9	0,243
11	56 B. Caç.	—	7	1	8	7	4',5	6	0,162
12	55 B. Caç.	—	7	0	7	7	3',7	8	0,192

meiro e 0,23 para o segundo) e apenas 7 (ou 24 %) figuras attingidas.

Os numeros que figuram na ultima columna do quadro dos resultados isto é, a centesima parte do producto do numero que representa a porcentagem de impactos pela velocidade de tiro, dão segundo o general Rohne a mais exacta medida da efficacia do tiro. No julgamento de um tiro de combate, porém, o numero de figuras attingidas tem a mais alta importancia como medida do resultado tactico do fogo. «Um numero elevado de figuras attingidas representa de ante mão um numero elevado de impactos; mas pôde acontecer que a um grande numero de impactos corresponda um numero pequeno de figuras attingidas si, como muitas vezes ocorre, os atiradores concentram o fogo na parte central do objectivo, em lugar de distribuir-o uniformemente por toda a frente, ou si uma parte do objectivo é mais visivel que outras, etc. (Rohne — *Instrucção de tiro para Infantaria* pag. 139.)

Que ensinamentos se podem tirar para as futuras provas do interessantissimo concurso de tiro da IX Região?

Em primeiro lugar não nos esqueçamos de aperfeiçoar a instrucção individual de pontaria, em todas as posições regulamentares, a principio no pateo da caserna e depois no terreno variado.

Todos os esforços dos commandantes, da companhia para cima, devem se concentrar não só para que em cada regimento ou batalhão de

Caçadores se executem sem descepacia os tiros de instrucção como se levem a efecto, antes do mez de Setembro, os tiros de preparação, os tiros de esquadra, pelotão, companhia e o exame de tiro.

Satisfeito o programma geral de instrucção, do tiro, sem exclusão de nenhum corpo, dever-se-ha então realizar o campeonato de tiro de combate, entre as companhias dos regimentos e uma das companhias de Caçadores, que melhor collocação tiverem obtido no *exame de tiro*.

Relativamente a preparação do campeonato será de aconselhar que se aumente a distancia, que se eleve a dotação individual de cartuchos, que se aperfeiçoe a montagem dos alvos, para permitir durante o tiro modificações no objectivo, e que não se empreguem mais siluetas com ellipses e zonas numeradas.

Os alvos para os tiros de combate devem ser, como dizem os allemães, *kriegsmässig*, palavra deante de cuja traducção estacamos para evitar um detestavel adjectivo. Elles devem representar com a maior fidelidade a silhueta de um soldado tal como se apresenta em campanha. As ellipses e os numeros podem dar lugar a que alguém se lembre de julgar o resultado do tiro collectivo pelo valor das zonas attingidas...

Ainda uma palavra — E' preciso que o proximo concurso seja dirigido não por uma assembléa mas por uma e unica autoridade que fará a critica. Estamos muito pouco treinados para fazer a viva voz commentarios imme-

diatos, no proprio terreno do exercicio, mas o Regulamento prevê casos, como estes, em que a critica pôde ser feita mais tarde.

Antes tarde do que nunca.

Souza Reis

Ainda o fuzil M. 1908

Não atribuam os nossos leitores malevolas intenções a insistencia com que tocamos nesta tecla.

Estamos convencidos da absoluta necessidade que tem o Exercito de conhecer com certa antecedencia o armamento que lhe será distribuido para entrar em campanha. Não comprehendemos o sigilo, o véo de mysterio, que cerca um fuzil comprado aos milhares na primeira fabrica de armamento portatil da Europa o recebido co todos os sacramentos por uma commissão de officiaes. Estamos convencidos que esse armamento é bom, mas que para delle tirar todo o rendimento de que é capaz, precisamos conhecê-lo bem, familiarisar-nos a fundo com suas vantagens e aprendermos a corrigir pela pratica os defeitos que possa ter, admittindo, como se diz, que elle os possua. Trata-se de uma precaucao tão elementar, de uma previdencia tão vulgar, que não podemos crêr existam nas altas espheras militares divergências sobre a necessidade immediata para o Exercito de conhecer esse fuzil.

Os Argentinos em 1910 (dous annos depois dos Brasileiros) adquiriram na mesma fabrica um fuzil Mauser do mesmo systema, de calibre superior (7, 65 contra 7 mm.) e atirando um projectil mais pesado (10 contra 9 gr.). Ha mais de um anno que as tropas argentinas entraram de posse desse armamento. E nós? Nós deixamos os nossos fuzis esquecidos nos depositos da Intendencia, cercados de suspeita, para na ultima hora, fornecelos atabalhoadamente, entregando-as a mãos inexperientes e a homens que de ouvir tanto mal ou tantos juizos contracreditórios perderam a confiança no seu exito.

Officiosamente estamos habilitados a fazer conhecido dos nossos leitores que no correr do anno de 1912, à vista das reclamações feitas contra o fuzil m. 1908, a Commissão do Ministerio da Guerra na Europa realizou intensas experiencias com esse armamento e cujo resultado lhe foi altamente favoravel. Não seria o caso de que o Relatorio dessa Comissão fidencialmente imprimir, fosse distribuido aos commandantes de corpos de infantaria para que estes os conhecessem e prestassem aos seus officiaes tranquilizadoras informaçoes? E si por acaso o resultado dessas experiencias ainda não foi de ordem a destruir as criticas anteriormente feitas, não seria tambem razoável que novas experiencias se fizessem no Brazil? Quando nós fallamos em experiencias com um fuzil não nos referimos as classicas provas de polygono para determinação de certos dados balisticos cujas pequenas variações nenhuma importancia prática tem para o valor definitivo da arma. Pretendemos é que se façam intelligentes provas para julgar do valor dessa arma pará á

instrucção e para a guerra, quer no tiro isolado, quer no tiro collectivo.

Essas experiencias não podem em caso algum conduzir ao abandono definitivo do fuzil m. 1908. Ellas nos podem esclarecer sobre os prezentados defeitos do armamento e a technica do tiro é muito rica de recursos para obviar um mal permanente e conhecido. O assumpto é muito importante para ser ligeiramente discutido. Dem-nos porém a oportunidade de estudar o que as experiencias tiverem autorisado a concluir e não será difícil resolver definitivamente esta questão. A todo o momento os officiaes se olham com desconfiança e se interrogam com apreensões:

Onde está o fuzil m. 1908. Que se vai fazer do fuzil m. 1908?

O REGULAMENTO DE GYMNASTICA

O Grande Estado Maior acaba de dotar o Exercito com mais um Regulamento — o de *gymnastica para infantaria e tropas a pé* — preenchendo assim uma lacuna que de ha muito se fazia sentir, mas cuja premente necessidade ainda mais se vem notando, desde que enveredamos pelo caminho da instrucção systematica e intensiva unico que conduz á efficiencia para a guerra.

Tradução do que rége essa materia no exercito alemão, com pequenas alterações oriundas não só do regulamento frances como da observação do que se practica entre nós e nas fileiras prussianas, é um trabalho cuidado com gravuras pintadas que muito elucidam o texto e que recomenda as officinas do G. E. M. do Exercito.

O regulamento foi distribuido aos corpos para ser executado a titulo de experienca, devendo seus commandantes, decorridos seis mezes, enviar as observações colhidas em sua execução e que lhe possam trazer qualquer aperfeiçoamento.

Como já se havia dado com seus antecessores, o Regulamento de Gymnastica foi distribuido gratuitamente aos officiaes das armas a que se destina e aos estabelecimentos de instrucção do Exercito.

Apezar de se conformar, assim, com uma velha praxe estabelecida entre nós, não nos parece seja esse o melhor processo de difundir efficazmente a instrucção na tropa, nem o que melhor consulte os interesses nacionaes, os do Exercito e os dos proprios officiaes.

Tempo houve, entre nós, e não está mui longe em que a maior difficultade que se offerecia aos officiaes para o conhecimento de sua arma, era a aquisição dos regulamentos.

Quem estará esquecido dos insuperaveis obstaculos com que lutavam na infantaria os officiaes nomeados — *instructores* — para obter a *Instrucção Moreira Cesar*?

Já não nos queremos referir á Instrucção de Artilharia do General Severiano, que se occultava avára nas estantes dos raros felizardos que a possuiam. A propria *Instrucção de cavallaria* do saudoso General Marinho, depois distribuida baratamente, sem peso nem medida, na Intendencia da Guerra, não foi a seu tempo mais accessivel do que as outras.

O processo adoptado de certo tempo a esta parte, pelo Grande Estado Maior, apezar de traduzir um aperfeiçoamento, não satisfaz toda via ás necessidades que a instrucção intensiva da tropa dia a dia impõe.

Quando uma edição de quatro ou cinco mil exemplares e distribuindo-os pelos officiaes arregimentados nos corpos, é verdade que se provê, momentaneamente, os que têm a responsabilidade da instrucção na tropa. Mas ficam impossibilitados de se aprofundarem mais no estudo dos regulamentos — como é aliás para desejar — todos os sargentos que são nas companhias (esquadros e baterias) os naturaes auxiliares dos instructores. Mesmo os officiaes que venham para a tropa após a distribuição do regulamento lutam já com dificuldades para sua obtenção e assim se vão ellas se accumulando á medida que o tempo se escoa e mais fica para traz a data da edição. De modo que os aspirantes e officiaes recem promovidos ao primeiro posto chegarão muitas vezes á contingencia de aguardarem uma nova edição para obter um regulamento.

E quantos conhecem outras guarnições que não está tem por experiença propria a conceição de como se torna ás vezes uma aspiração, um desejo de satisfação problematica, a conquista dos regulamentos por onde se tem de intruir a tropa!

Ora, tudo isso ficaria sanado si, a exemplo de outros povos menos ricos do que nós, puzessemos os regulamentos á venda em todas as guarnições, por preços moderados.

E isso não é difícil.

O Grande Estado Maior poderia abrir concorrência para a publicação official de seus regulamentos, escolhendo uma livraria idonea — a exemplo da Mittler & Sohn, de Berlin — que editasse todos os seus trabalhos, pondo-os depois á venda em todas as guarnições, pelos preços previamente convencionados.

Desse modo os officiaes recem promovidos e os que apôs alguns annos de burocracia ou de estagio na politica voltassem ás fileiras, poderiam obter com facilidade os regulamentos de que precisassem.

E a aquisição destes por parte dos sargentos deixaria de ser o problema insolvel que é hoje. Assim, talvez fossem até os regulamentos mais lidos...

Leitas

Verba mal empregada

O «Tiro Nacional» foi criado pelo decreto n.º 3224 de 10 de Março de 1899 com a bôa intenção de desenvolver entre as classes civis o interesse pelo «sport» do tiro com o fuzil — de guerra. Na epocha daquelle decreto, no dominio das panacéas preconisadas para formar a reserva do Exercito, não se conhecia remedio mais efficaz. Esse custoso meio de propaganda não produziu os effeitos desejados e o «Tiro Nacional», pouco frequentado mesmo por militares, transformou-se na simples sinecura que actualmente é. Com o derramamento das Sociedades de Tiro elle ainda soffreu um golpe

mais profundo chegando a tal estado de abandono que seria curioso vêr publicada a estatística de sua frequencia. Não receiamos afirmar que além do 56 de Caçadores, usufruindo graças ao «Tiro Nacional» de um excellente stand para os seus tiros de instrucção, poucos e raros affecionados regularmente o procuram.

Mas, quanto custa a manutenção annual desse estabelecimento que figura no orçamento da guerra depois da Bibliotheca do Exercito, entre os institutos de instrucção militar?

Vejamos.

Verba 4a. (Instrucção Militar)

Tiro Nacional

1 Guarda da linha e encarregado	240\$000
1 Amanuense	240\$000
Despezas com o pessoal? para manutenção da linha	3:519\$500

Verba 10a. (Material)

N. 12 Tiro Nacional

Despezas diversas	10:000\$000
Total	13:999\$500

Naturalmente mais ou menos 14 contos é uma gotta d'água no orçamento da guerra, mas quando a gente pensa que a instrucção de tiro nos corpos não pode ter o desenvolvimento que o Regulamento determina, por falta de stands e de outros recursos materiaes, não só pôde deixar de reconhecer que aquella quantia seria susceptivel de um emprego muito mais util.

Por toda a parte da cidade existem linhas de tiro de sociedades civis.

No interior, aqui e ali, também se encontram muitas. Os atiradores civis tem pois onde ir fazer seus exercícios sem despezas extraordinarias do Estado. O Exercito é que não tem esses recursos e a instrucção official dc tiro deve se fazer independentemente, em cada corpo, e com tal intensidade que os stands precisam estar situados nas proximidades dos quartéis.

Pois bem consagremos a construcção dessas pequenas linhas de tiro aquella verba annual de 14 contos, extinguindo o «Tiro Nacional», que não fará falta ao Exercito.

Este anno poderíamos construir os stands para os tiros de instrucção dos corpos de infantaria da Villa Militar e outros mais próximos da zona urbana para o 52 e o 55 de Caçadores. Depois que a guarnição do Rio de Janeiro estivesse attendida nessa necessidade de primeira ordem, emprehender-se-hiam construções analogas nas outras guarnições da Republica.

Ainda aconselhamos que os stands de tiro obedecam ao typo allemão pois desta forma o seu custo será menos elevado e será também possivel um melhor aproveitamento do terreno construindo 3 pequenos stands em na mesma área onde, pelo systema a que te hoje temos seguido só será possivel construir um.

Pensando sobre o destino que se podia dar a verba do «Tiro Nacional» não encontramos applicação mais vantajosa do que esta.

Os inferiores do exercito prussiano

foram agora contemplados com uma melhoria das vantagens que tem ao deixar o serviço.

Quem quer que comprehenda a necessidade de um exercito permanente descobrirá a significação de tais medidas. Quão graves prejuizos resultam da falta de um numero suficiente de inferiores antigos se deprehende das queixas dos exercitos russo e austriaco onde não foram tomadas as necessarias providências para retêr os inferiores mais tempo sob as bandeiras. Está claríssimo que isso só é possível quando se oferecem ao inferior tais condições que elle possa viver satisfactoriamente durante sua permanencia nas fileiras e que concluído o serviço, após longos annos de trabalho nas fileiras, tenha sua existencia assegurada lá fóra.

Entre nós ainda não se sentiu a importancia desta questão pois só agora é que desponta a noção de que exercito é para instruir os cidadãos. A necessidade de alcançar com essa preparação o maior numero possível de homens, afim de crear com toda a intensidade a reserva nacional, exige que cada contingente seja mantido sob as bandeiras o minimo tempo suficiente ao seu preparo nas armas. D'ahi a inadmissibilidade do engajamento a não ser dos inferiores. Se assim o tempo de permanencia nas fileiras reduz-se ao minimo, é preciso elevar a intensidade do trabalho nesse tempo ao maximo. Ora, o preparo militar basilar é a instrução individual. Não se pôde pretender corrigir na instrução collectiva as falhas deixadas pela individual, e os órgãos desse trabalho fundamental são os inferiores.

Evidentemente até certo limite os inferiores serão tanto mais aptos para a função quanto mais antigos, isto é, quanto mais tempo tiverem praticado a sua função de instructores.

O limite adoptado no exercito alemão é de doze annos de serviço, limite mínimo para os inferiores se assegurarem o direito ás vantagens concedidas pela lei. Ao cabo d'esse tempo o homem que deixa o exercito onde sem dúvida aplicou o melhor tempo de sua actividade precisa ter sua existencia assegurada de forma condigna. Nada mais lógico também que o exercito utilisse das vantagens que pôde oferecer em si-mesmo como sejam certos cargos burocráticos indispensaveis, e entre nós o quadro de intendentes e o de amanuenses — para assegurar ao exercito o necessário numero de inferiores antigos. Assim a primeira condição para um inferior aspirar a um desses cargos ou quadros seria ter no minimo seis ou oito annos de efectivo serviço na fileira.

Afóra os que lograssem entrada no quadro de intendentes o Estado asseguraria após doze annos de serviço, (dos quaes pelo menos oito nas fileiras) um emprego de vencimentos equivalentes ao do inferior nos diversos serviços públicos, como sejam: correio, telegrapho e fazenda.

Dada a grande predilecção dos brasileiros pelos empregos públicos seria esse um meio indireto de canalizar bons elementos para o exercito, estancando assim, relativamente, aos civis as vagas respectivas. E não se queira fazer disso um argumento contra a medida lembrada, pois é justissima a preferencia do candidato ex-inferior antigo: tanto elle como seu concurrente, em ultima analyse, são cidadãos, e o inferior tem sobre o civil a vantagem de haver já prestado serviços á patria num departamento especial de seus interesses vitais, quicá o mais importante — o da defesa nacional.

Klinger.

LIVROS NOVOS

La doctrine de la défense nationale, cap. Sorbe B. L. frs. 7,50.

Opinions allemandes sur la guerre moderne, B.L. 3 vols. a fr. 1.

Les grandes marches d'armée, Bonnal. Chapelot frs. 1,50.

Les campagnes de l'Extreme-Orient, leurs résultats au point de vue tactique et stratégique, d'après le lieut-col. Yoda, de l'armée japonaise. B.L. frs. 0,75.

Etude d'une situation tactique, théorie et exercices pratiques, cap. Lemoine. Lavauzelle, frs. 5.

Essai de règlement sur le combat des troupes de toutes armes, Percin et Jaquemont. Lavauzelle frs. 2,50.

Infanterie, general Maud'hui, professor de tactics de infantaria na Escola Superior de Guerra. Segunda edição, L., frs. 6.

L'unité de langage et la revision des règlements, Levy. L., frs. 2.

Le problème de la marche de l'infanterie sous le feu, Dussourt. L., frs. 1,50.

L'artillerie au combat, Percin. Severa critica de projecto de regulamento de 8-9-910. L., frs. 3.

Concentration des feux et concentration des moyens, general Fayolle. L., frs. 3.

Procédés de commandement du groupe sur les champs de batalha, Buat. Chapelot, frs. 1,50

La guerre turco-balkanique, Lt. col. Boncabeille. Ch., frs. 5.

Thèmes stratégiques et tactiques, cap. Panhuas, professor da Escola de Guerra de Bruxellas, G. Bothy.

Une étude sur l'efficacité du tir, Tréguier, Ch., frs. 0,75.

A conhecida livraria militar alemã, E. S. Mittler & Sohn, Berlin SW 68, Koch Str. 68, acaba de publicar a 35ª edição do apreciado manual *Lehnerts Handbuch für den Truppenführer* (1M, 80) e um novo compêndio, *Gefechts Taschenbuch*. Neste trabalho estão associadas as disposições congêneres e complementares sobre o combate de todas as armas, transcrições com as expressões textuais dos regulamentos de exercícios, idem de tiro, idem do serviço de picapeiros para todas as armas, regulamento dos serviços de campanha, idem das bagagens, columnas e trens, idem de saúde em campanha (1M, 50).



EXPEDIENTE

"A DEFEZA NACIONAL" deixa aos seus colaboradores a inteira responsabilidade das opiniões que emittirem em seus artigos.

*
* *

Dirigir toda a correspondencia para "A DEFEZA NACIONAL" Caixa postal 1602, Rio. Vales postais — ao portador

ASSIGNATURAS:

Annual	10\$000
Trimestral	3\$000
Número avulso	1\$000